



Universidade de Brasília  
Faculdade de Comunicação  
Departamento de Audiovisuais e Publicidade

## **SINTA O SOM**

Pessoas com deficiência e sua relação com a música

Victoria Cristina Gonçalves da Costa

Brasília, 2019

Victoria Cristina Gonçalves da Costa

## **SINTA O SOM**

Pessoas com deficiência e sua relação com a música

Memorial descritivo de produto apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

Orientador: Maurício Fonteles

Brasília, 2019

Victoria Cristina Gonçalves da Costa

## **SINTA O SOM**

Pessoas com deficiência e sua relação com a música

Memorial descritivo de produto apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

Orientador: Maurício Fonteles

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Maurício Fonteles  
ORIENTADOR

---

Profa. Dr<sup>a</sup>. Denise Moraes  
MEMBRO

---

Profa. M<sup>a</sup>. Emília Silberstein  
MEMBRO

---

Prof. Dr. Elton Pinheiro  
SUPLENTE

Brasília, 2019

A quem sente.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todas as pessoas que tornaram possível a realização desse trabalho.

À equipe, vocês são demais!

Sofia Todd, muito obrigada por toda a ajuda e por toda a disposição. Uma produtora e tanto! Iara de Jesus, Raissa Amaro, Filipe Alves, Gabriel Pimentel, Bruna Cardoso, Clara Smith, Lucas Baxter: obrigada, equipe de realização, por ter aceitado me acompanhar.

Mariane Silva, Lucas Justino, Ana Paula Lopes, Rodrigo Blergh: obrigada, equipe de pós, por terem tido paciência em todas as vezes que eu pedi alterações. Obrigada por terem se disposto a entrar nessa e terem sido tão zelosos com o produto.

À Lorena Bicalho, pelo kit de som salvador e pela confiança enquanto cuidei dele.

À professora Andréa Menêzes, pela atenção e pela indicação.

À minha parceira de projeto, Ana Paula Fonseca, por todos os diálogos de desespero e alinhamentos que você ouviu com tanta paciência. Obrigada pela atenção, pela ajuda e pelas conversas. Conte comigo sempre, ok?

Ao meu orientador, Maurício Fonteles, por ter aceitado me orientar, ter me ajudado a lapidar o projeto e o produto, além da paciência com as entregas dos cortes e deste memorial.

Por fim, agradeço aos meus pais, Benevaldo e Miriam, por terem sempre me orientado nas escolhas profissionais e acadêmicas. Chegou minha dupla-diplomação e isso é graças a tudo que vocês fizeram por mim durante minha vida inteira.

Agradeço a Deus por ter colocado todos vocês no meu caminho!

*"A vida sem a música é simplesmente um erro,  
uma tarefa cansativa, um exílio."  
(Friedrich Nietzsche)*

## **RESUMO**

A websérie Sinta o Som aborda a relação de três pessoas com deficiência com a música, sendo elas: Francisco Boing Marinucci, cantor com autismo; Sávio Lobato, violonista cego e Shirley Nunes, pianista com acondroplasia. Cada um dos protagonistas estrela dois vídeos - um videodocumentário apresentando a pessoa que acompanha o artista e uma performance musical em estúdio apresentando o artista que acompanha a pessoa.

**Palavras-chave:** Comunicação; Websérie; Webdocumentário; Deficiência; Música.

## **ABSTRACT**

The web series *Feel the Sound* addresses the relationship of three people with disabilities with the music: Francisco Boing Marinucci, singer with autism; Sávio Lobato, blind guitarist and Shirley Nunes, pianist with achondroplasia. Each of the protagonists stars two videos - a documentary presenting the person and a studio musical performance presenting the artist.

**Keywords:** Communication; Web series; Web documentary; Disability; Music.



## **LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 1</b> - Paleta de Cores “Sinta o Som”.....	31
<b>Figura 2</b> - Logotipo “Sinta o Som” Horizontal.....	31
<b>Figura 3</b> - Logotipo “Sinta o Som” Vertical.....	31

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	11
<b>2. PROBLEMA DE PESQUISA</b>	13
<b>3. JUSTIFICATIVA</b>	14
<b>4. OBJETIVOS</b>	16
4.1 Objetivo geral	16
4.1 Objetivo específicos	16
<b>5. REFERENCIAL TEÓRICO</b>	17
5.1 Acondroplasia, autismo e deficiência visual	17
5.2 Música e deficiência	17
5.3 Acessibilidade na música	19
<b>6. METODOLOGIA</b>	22
6.1 Pré-produção	23
6.1.1 Equipe	23
6.1.2 Protagonistas	24
6.2 Produção	26
6.2.1 Videodocumentários	27
6.2.2 Estúdio	29
6.3 Pós-produção	30
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	33
<b>8. REFERÊNCIAS</b>	35
<b>9. ANEXOS</b>	40
9.1 Exemplo de autorização de uso de imagem utilizada	40
9.2 Exemplo de ordem do dia utilizada	41
9.3 Pesquisa de estúdios no DF	42
<b>10. APÊNDICES</b>	43
10.1 Plano de takes	43
10.2 Transcrição de entrevistas	44
10.3 Roteiro de edição - Sávio	62
10.4 Roteiro de edição - Shirley	66
10.5 Roteiro de edição - Francisco	72
10.6 Exemplo de relação de arquivos	76

## 1. INTRODUÇÃO

Segundo o dicionário Aurélio, “deficiência” significa “imperfeição, falta, lacuna”. Assim, pessoas com deficiência são aquelas que não possuem todos os recursos cognitivos, físicos e/ou motores - tendo nascido ou adquirido essa condição. Durante muito tempo especulou-se sobre as distinções e terminologias corretas relacionadas às pessoas com deficiência. Qual é a melhor maneira de se referir a alguém nessa condição sem ofendê-la e de uma maneira não pejorativa?

Em 2006, após um debate mundial, o termo Pessoa com Deficiência (PcD), foi aprovado como referência de utilização pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). No Brasil, porém, a terminologia foi atualizada apenas em 2010, quando a Secretaria de Direitos Humanos, através da Portaria 2.344/2010, modificou o termo Pessoa com Necessidade Especial (PNE), para PcD. Era uma forma de eliminar a conotação pejorativa presente na palavra “especial”, além de ampliar o entendimento de que a deficiência faz parte da pessoa e é algo a ser considerado normal. Segundo o Art. 2º do Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei Nº 13.146/15), publicado pelo Senado Federal:

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (p.8-9, 2015)

O Manual de Redação Mídia Inclusiva elaborado pelo governo do estado do Rio Grande do Sul afirma que a sigla PcD é invariável (2011, p.03). Ou seja, mesmo quando se tratar no plural “Pessoas com Deficiência”, a sigla segue conforme já escrita: PcD. Afinal, o que varia, na maioria das vezes, é o número de pessoas e não de deficiências. Assim, ao longo deste memorial, a sigla PcD será utilizada ao se referir tanto “à”, quanto “às” pessoa (s) com deficiência (s).

Como pode-se perceber, o termo já se modificou algumas vezes antes chegar ao atual. E a tendência é que ele permaneça em metamorfose. Cristina Simões afirma que “a sociedade enfrenta constantes transformações e o conceito de deficiência vai

sofrendo o reflexo dessa maturidade humana e cultural”. (SIMÕES, 2016. p.04). Então como traçar uma definição correta da palavra, levando em consideração as atuais discussões acerca do tema? Em 2003, o consultor de inclusão social Romeu já dizia que “jamais houve ou haverá um único termo correto, válido definitivamente em todos os tempos e espaços. ” Isto porque, para o autor, em cada época são utilizados termos cujo significado seja compatível com os valores vigentes em cada sociedade enquanto esta evolui em seu relacionamento com as pessoas que possuem este ou aquele tipo de deficiência. (SASSAKI, p. 12, 2003)

Dito isto, o projeto “Sinta o Som” aborda a relação de três pessoas com deficiência com a música - todas residentes do Distrito Federal. O produto mostra a diferença que ela fez e faz em suas vidas e a sua importância no desenvolvimento dos protagonistas. Assim, cada um estrela dois vídeos: um pequeno videodocumentário e uma apresentação musical feita em estúdio. O intuito é produzir vídeos feitos especialmente para distribuição na web - mais especificamente uma plataforma online, ou seja, um site. Este será desenvolvido posteriormente como Trabalho de Conclusão de Curso de Ana Paula Fonseca, aluna de Publicidade da Universidade de Brasília (UnB).

Todos os episódios contam com subeixos narrativos que enlaçam suas respectivas histórias. O vídeo de Shirley Nunes, uma estudante de piano de 28 anos que tem acondroplasia, possui, como subeixo, o contexto acadêmico. Ele aborda desde a sua entrada no curso de Música da UnB, até o processo de adaptação física e mental da mulher. No episódio de Sávio Lobato, jovem de 22 anos com deficiência visual e que toca violão, pode-se conhecer um pouco da realidade profissional do músico. Ele performa com o instrumento profissionalmente todos os dias. E Francisco Boing Marinucci, adolescente de 15 anos com autismo que canta, mostra a força e a importância do apoio familiar no crescimento de sua relação com a música. Vendo sua mãe, Raquel, seu pai, Roberto, e sua irmã, Clara, o espectador se insere na realidade dos quatro e conhece um pouco mais sobre a rotina musical do adolescente.

## 2. PROBLEMA DE PESQUISA

O desenvolvimento intrauterino completo de um feto é composto por 39 semanas. Segundo Ana Laura Frota (2013), “o coração e vibrações internas do corpo da mãe, além das águas que o envolvem, formam, quem sabe, uma sinfonia.” (p. 26). Assim, como diz Cleudet Scherer (2010), a música é “a junção de sons, ruídos, silêncios, ritmos e melodias. Enfim, iniciamos o nosso contato musical desde quando crescemos no útero materno e por toda a nossa vida.” (p.248). A música, desta maneira, pode fazer parte da realidade de pessoas com e sem deficiência, desde o início de suas existências.

A partir do desenvolvimento presente na formação do feto e, também, através de suas percepções, incluindo a sonora, torna-se pertinente levantar alguns questionamentos. Pensando, especialmente, na música: como esta pode contribuir para o avanço e desenvolvimento de uma pessoa, tendo deficiência ou não? Por meio da relação da PcD com a música, quais as mudanças que esta trouxe, traz, ou pode trazer para a vida da pessoa e para sua deficiência? O quão importante é a música para este indivíduo? Como ele ou ela lidou com os possíveis obstáculos que se apresentaram ao longo de sua história com o instrumento?

Pensando especificamente nos casos dos protagonistas em questão, ainda é possível haver dúvidas relevantes a serem abordadas, sendo: como uma pessoa com deficiência visual aprende a tocar um instrumento? Quais recursos e/ou métodos podem ser utilizados para a acessibilidade no caso de uma pessoa com acondroplasia que toca um instrumento muito grande para sua estatura? Como fazer para se haver tato e efetividade no ensino de música para uma pessoa que possui autismo?

Esses são os principais pontos de reflexão a serem visados no desenvolvimento da série. Levando em consideração, certamente, as peculiaridades dos protagonistas, a realidade de cada uma das deficiências vistas nos vídeos, a relação dos três com seus respectivos instrumentos e com a música em geral. O produto servirá como instrumento de aproximação e conhecimento entre os protagonistas (um pode entender a deficiência do outro), da equipe e do espectador.

### 3. JUSTIFICATIVA

Música é comunicação: emissão - por meio da voz/instrumento; mensagem - por meio da letra/melodia tocada; canal – por meio das ondas sonoras propagadas pela voz/instrumento; código – por meio do conjunto letra+melodia+silêncios e recepção - por meio do ouvido de quem a escuta ou corpo de quem sente suas vibrações. Podem haver ruídos que, de fato atrapalhem a entrega da mensagem a ser passada, como o caso dos surdos, que não podem escutar a música. Porém ainda podem sentir suas vibrações e verem a emoção do ou da intérprete que a canta/toca.

Como diz Scherer (2010), a música “se faz presente em todas as manifestações sociais e pessoais do ser humano desde os tempos mais remotos. O autor cita ainda Schaeffner (1958), quando este afirma que “mesmo antes da descoberta do fogo, o homem primitivo se comunicava por meio de gestos e sons rítmicos, sendo, portanto, o desenvolvimento da música, resultado de longas e incontáveis vivências individuais e sociais.” (SCHAEFFNER, 1958. apud SCHERER, 2010. p.247).

Desta forma, cantar e/ou tocar um instrumento musical, individualmente ou com outras pessoas, pode constituir um paralelismo de comunicação, coordenação, despertar de emoções e expressão de sentimentos, principalmente em crianças com déficit cognitivo e motor. (ROCHA et al. 2018. p.142). Ao falar sobre a relação da música com PcD, é possível que haja algumas "ultrapassagens de obstáculos comunicacionais". E se um surdo canta? E se um cego toca? Em qualquer caso haverá "barreiras" que o emissor terá que ultrapassar.

O projeto, como um todo, mostra para o público não apenas que isso é possível, mas que é real. Que pode ser essencial na melhoria ou desenvolvimento da pessoa com deficiência, seja a evolução ocorrendo no sentido musical, seja motor, seja social. Através da perspectiva de cada protagonista, os vídeos têm o papel de inspirar e informar pessoas com deficiências similares, amigos, familiares e a sociedade como um todo, sobre os métodos diferenciados de auxílio aos progressos cognitivos e motores, pela música.

Com exemplos concretos e reais, o produto trará o assunto à pauta, oferecendo uma visibilidade notória a um tema ainda pouco abordado no meio. Não é raro se ver indivíduos tendo uma perspectiva em relação à pessoa com deficiência como alguém que precisa de ajuda, ao invés de ser alguém que pode, no caso, oferecer algo aos outros. Sendo assim, os vídeos têm o potencial de mostrar a PcD de um outro ângulo: alguém que tenha e externe sensações e sentimentos por meio de notas e melodias.

## **4. OBJETIVOS**

### **4.1 Objetivo geral**

O projeto tem como objetivo principal a produção de uma websérie de vídeos para a web abordando a relação de pessoas com deficiência com a música.

### **4.2 Objetivos específicos**

Além do objetivo principal, imagina-se, no mínimo, mais três resultados com a websérie. Como objetivos secundários, pretende-se informar e dar visibilidade à relação da pessoa com deficiência com a música. Visa-se, além disso, conscientizar aqueles que vierem a assistir a série sobre o papel da música na vida de uma pessoa com deficiência. Mostrar o quão grande pode ser o seu impacto. Por fim, visa-se inspirar outros PcD interessados em cantar ou tocar a seguirem esse sonho.



## 5. REFERENCIAL TEÓRICO

### 5.1 Acondroplasia, autismo e deficiência visual

Como afirmam Sofia Uemura e colaboradores (2002), o termo acondroplasia foi introduzido por Parrot em 1878, pois acreditava-se que estes indivíduos não possuíam cartilagem de crescimento. A acondroplasia é a mais frequente displasia esquelética de membros curtos, resultante de uma mutação genética que afeta a ossificação endocondral (CERVAN MP et al., 2008, p. 106). É o tipo mais comum de nanismo, conforme Abrão et al (2009).

O autismo que Francisco possui é chamado de “Transtorno do Espectro do Autismo” (TEA). Ele consiste em uma desordem do neurodesenvolvimento com início precoce e curso crônico, não degenerativo. (SAMPAIO et al., 2015. p.138). De acordo com Renato Tocantins Sampaio e colaboradores (2015) a literatura sobre a desordem relata uma intensa relação das pessoas com tal transtorno e a música. (p.146). Para Rosângela Agnolon e Demerval Masotti (2001), “cantar melhora o diálogo, a escrita e proporciona mudanças nas habilidades do pensamento criativo.” (p.11). Já é possível perceber, aqui, as possibilidades de desenvolvimento de Francisco e o quanto é válido seu aprendizado.

Em relação à deficiência visual, Daltro Keenan Junior e Morgana Kremer citam o Decreto no 5.296, de 2 de dezembro de 2004 quando este afirma que uma pessoa cega é aquela que “apresenta acuidade visual igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica, e baixa visão são as pessoas que apresentam acuidade entre 0,3 e 0,05, no melhor olho, com a melhor correção óptica”. (BRASIL, 2004 apud KEENAN JÚNIOR e KREMER, 2018. p. 2-3).

### 5.2 Música e deficiência

A música costuma ser vista e consumida por muitos como forma de lazer, distração e até mesmo concentração. Não é tão raro ver-se pessoas no trânsito com os rádios de seus carros ligados ou, no ônibus, com fones de ouvidos durante uma viagem. Porém além da simples apreciação ela pode trazer ainda outros benefícios.

Maria Lúcia Suzigan, citada por Rosane Carvalho e Beatriz Lima, afirma que a música “estimula áreas do cérebro não desenvolvidas por outras linguagens, como a escrita e a oral. É como se tornássemos o nosso 'hardware' mais poderoso”. (SUZIGAN apud CARVALHO, LIMA. 2015, p.2). Leão (2001) complementa dizendo que, combinada com outras áreas de estudo, a música favorece a criatividade e os meios de expressão das crianças e dos jovens. Não apenas isso, a autora também afirma que:

[...] a inserção da música favorece o desenvolvimento perceptual e motor, a coordenação mãos-olhos, o equilíbrio estático e dinâmico, as relações espaciais, o pensamento linear, o planejamento, a habilidade de escuta e os canais de comunicação. (LEÃO. 2001. apud AGNOLON e MASOTTI. 2010, p.10)

Agnolon e Masotti (2010) incluem o conceito de Musicoterapia trazido por Violeta Gainza (1998), que a define como a "aplicação científica das possibilidades da música para contribuir ou favorecer os processos de recuperação psicofísica das pessoas". (GAINZA, 1998. apud AGNOLON , MASOTTI. 2010. p.3). É importante diferenciá-la da Educação Musical, que, ainda segundo Gainza (2018), é o “modo de sensibilizar e desenvolver integralmente o educando e capacitá-lo para tornar possível seu sucesso ao conhecimento e prazer musical ”.

Como se pode observar no artigo de Letícia Rodrigues (2015), em 1983 o psicólogo Howard Gardner publicou um livro intitulado “*Frames of Mind*”, traduzido para o português como “Estruturas da Mente”. Na publicação ele disserta sobre sua “Teoria das Inteligências Múltiplas” as quais, inicialmente, eram sete: a Interpessoal, a Intrapessoal, a Físico-sinestésica, a Linguística, a Lógico-matemática, a Espacial e a Musical. Posteriormente o autor definiu mais dois tipos de inteligência: a Natural e a Existencial. Evidentemente, o foco desta seção será a Inteligência Musical.

Agnolon e Masotti (2010) conceituam esse tipo de inteligência como a “habilidade do sujeito em reconhecer sons e ritmos, ter o gosto em cantar e de tocar um instrumento musical”. É importante frisar o termo aqui utilizado pelos autores: “ter gosto”. Basta o indivíduo ter o interesse e reconhecer sons e ritmos. Assim, uma deficiência dificilmente será fator decisório para que uma pessoa tenha ou não a inteligência musical. Ainda segundo os autores (2010), esta se desenvolve a partir da interação

natural e social dos seres vivos com a música, atingindo as emoções de quem a executa e daqueles que as ouvem. Dessa maneira, a música é linguagem e processo social, trazendo à pessoa com deficiência a oportunidade de se inserir socialmente. Contudo que a mesma se interesse no Fazer Musical, essa inteligência estará sempre presente. O professor de musicoterapia Renato Sampaio (2002), citado por Viviane Louro et al conceitua o Fazer Musical como sendo:

[...] um agenciamento de velocidades, de forças de atração e repulsão, de polarizações, de gestualidades, de tempos, de intensidades, de massas sonoras, de volumes, de texturas, de formas, de devires [...] Este Fazer Musical possui como resultado a produção de signos musicais que englobam todo e qualquer produto deste ato musical, mesmo aqueles produtos que originalmente não se chamariam propriamente musical: um movimento, uma palavra, um texto verbal, um desenho. (SAMPAIO, 2002. apud LOURO et al. 2005, p. 4)

Desta forma, pessoas com deficiência podem estar praticando o Fazer Musical sem emitir uma única nota, ainda possuindo esse tipo de inteligência. Entende-se, assim, que todos os protagonistas do Sinta o Som a têm. Todos possuem vontade e interesse, cada um à sua maneira.

### **5.3 Acessibilidade na música**

Existem algumas formas de acessibilidade para que a pessoa com deficiência possa desenvolver o Fazer Musical. Daltro Keenan Júnior e Morgana Kremer (2018) citam o documento gerado em 2012 pela Convenção Sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência, mais precisamente quando este afirma que:

[..] a acessibilidade é uma ferramenta que viabiliza a igualdade de oportunidades entre as pessoas de uma sociedade, constituindo-se de um direito mais amplo do que a oferta de um ambiente livre de obstáculos arquitetônicos (BRASIL, 2011b apud KEENAN JÚNIOR, KREMER, 2018. p. 175).

A importância do Fazer Musical de PcD pode ser percebida de maneira ainda mais clara quando se observa suas diferenças no cérebro daqueles que o praticam. Conforme Sharon (2000) conclui em seu estudo, “os músicos apresentaram maior quantidade de massa cinzenta, particularmente nas regiões responsáveis pela audição, visão e controle motor” (SHARON, 2000 apud AGNOLON, MASOTTI. 2010.

p.11). Vê-se o impacto e a diferença que a acessibilidade pode ter na vida de uma pessoa com deficiência que tenha interesse na música e motivação para praticá-la.

Como Viviane Louro e colaboradores afirmam, “a partir da vontade interior ou mesmo de um incentivo exterior, o corpo pode criar meios alternativos para adquirir o que a pessoa deseja” (LOURO et al., 2005. p.5). Há relatos, segundo os autores, de pintores que, mesmo após danos cerebrais, conseguiram voltar a pintar, sendo que as obras de pintores que perderam a linguagem sofreram uma melhora significativa em qualidade artística. Em 2010, ainda atrelados à antiga nomenclatura de Pessoas Portadoras de Deficiências Físicas (PPDFs), eles concluem que “a atividade adaptativa está presente na natureza humana. Para as PPDFs, entretanto, com a adaptação natural comprometida, necessita-se recorrer à tecnologia assistiva” (p. 6-7).

Segundo Keenan Júnior e Kremer (2018), o termo Tecnologia Assistiva (TA) “é utilizado para identificar os mais diversos recursos e serviços direcionados a romper barreiras, além de proporcionar e ampliar as atividades de pessoas com deficiência.” (KEENAN JÚNIOR, KREMER. 2018. p. 177). Um exemplo concreto de uma TA possível de ser observado nos videodocumentários é o adaptador de Shirley, que torna possível o uso integral de seu instrumento. Os pedais de um piano são parte essencial para a execução completa das notas e, tendo a acondroplasia, faz-se necessário que ela o use.

Remetendo ao caso de Sávio, que é cego, ainda pode-se acrescentar a exposição que Keenan Junior e Kremer (2018) fazem em relação a alguns recursos de TA que podem ajudar na educação musical de pessoas com deficiência visual, como “as partituras ampliadas, a musicografia Braille e os softwares de edição de partituras em Braille. ” (p.177).

Clodo Ferreira (2016) afirma em seu livro que “a música é uma forma de expressão, assim como as outras artes” (p. 21). Ele cita Godoy quando este percebe a arte como “elemento possibilitador da transgressão, da superação dos limites e das regras”. Ferreira conclui que a arte pode transcender qualquer meio e transpor qualquer barreira. Ela é a chave para a abertura de portas que levam à inclusão.

Ao explicar a diferença entre inclusão e integração (com foco no contexto escolar, porém ainda válido para discussão que se segue), Sígria Camargo e Cleonice Bosa explicam que “na inclusão muda-se o foco do indivíduo para a escola. Neste caso, é o sistema educacional e social que deve adaptar-se para receber a criança deficiente” (CAMARGO; BOSA; 2009). Ou seja, inclusão envolve modificação do meio e não apenas a inserção da pessoa com deficiência nele. Assim, torna-se necessária a ação de pessoas do meio no qual o PcD se encontra para que de haja acessibilidade na música. Além do interesse do PcD, é ideal que todos contribuam para o sucesso e a realização de seu Fazer Musical.

## 6. METODOLOGIA

O trabalho se iniciou com uma pesquisa exploratória para conhecimento e contextualização teórico-referencial sobre as deficiências a serem abordadas, além de maior proximidade com o assunto. Esse passo foi essencial na preparação para as entrevistas, além de ajudar a equipe no tato com os entrevistados durante as gravações. Com o objetivo de gerar afinidade do público com os protagonistas e seus trabalhos musicais, cada um deles terá um pequeno webdocumentário contando sua vida com e sem a música. Segundo Fernanda Bernardes (2015), os webdocumentários:

São filmes que não utilizam a web apenas como método de distribuição, mas incorporam sua flexibilidade. Sendo assim, não podem ser transmitidos em uma tela de tevê tradicional sem que se perca algo essencial. Webdocumentário, na nossa concepção, é um documentário nativo da web. (BERNARDES, 2015. p.4)

Desconstruindo o arquétipo de que PcD precisam de um representante para ocupar o seu lugar de fala, cada personagem foi a própria "voz" do seu episódio, havendo inserções de familiares e/ou pessoas relacionadas ao protagonista para enriquecer o conteúdo. O intuito é fazer com que o espectador possa conhecer a pessoa por trás daquele instrumento ou daquela voz, contidos no vídeo musical - este que, assim como o documentário, será gravado especialmente para as pessoas com deficiência que os protagonizam.

O objetivo do vídeo musical é mostrar o som que acompanha a pessoa - o/a artista que vive nela. Desta maneira, ambos os vídeos servirão de material audiovisual para a documentação da realidade de seus protagonistas, com respostas aos questionamentos levantados na seção sobre o Problema de Pesquisa. Algumas produções com diferentes apresentações musicais foram consultadas no acervo de vídeos "Youtube", uma vez que esta é a plataforma mais popular utilizada para busca deste tipo de trabalho.

Cada um dos vídeos consultados possuía alguma peculiaridade em relação ao ambiente, acústica do local, número de músicos/musicistas, disposição de elementos em quadro e quantidade de instrumentos/microfones/câmeras. Assim, embora com

tantas diferenças pontuadas, todos serviram como referência e inspiração. Eles foram analisados com a meta de se tornarem um modelo de trabalho ou base de criação de como seria a estética seguida no momento de execução do trabalho. Os links consultados podem ser vistos na seção “Referências Audiovisuais”.

## **6.1 Pré-produção**

### **6.1.1 Equipe**

A primeira pessoa a ser convidada para integrar a equipe foi Sofia Todd, aluna de Audiovisual da UnB que ficou responsável pela produção dos vídeos do projeto. Experiências anteriores mostraram que a existência de uma equipe reduzida se mostrava mais prática e efetiva, por facilitar a união de agendas e o nº de pessoas em set. Dessa forma, até este momento, havia a ideia de se ter apenas um membro por cargo para que a equipe fosse, assim, o mais reduzida possível. Porém, ao convidar outras pessoas, percebeu-se prováveis sobrecargas e conflitos de agenda. Portanto, optou-se por se haver dois membros por cargo. A única exceção seria a Produção que, já convidada, achou mais interessante possuir uma assistente. O cargo foi ocupado por Lara de Jesus, aluna de Audiovisual da UnB.

De todos os treze membros da equipe, três são externos à UnB – estes que serão pontuados à medida que forem citados. O som direto foi captado por Gabriel Pimentel e Bruna Cardoso. Para a Fotografia, foram convidados Raissa Araújo e Filipe Alves. Clara Smith e Lucas Baxter (fotógrafo recém-formado pelo Centro Universitário IESB) ficaram responsáveis pelo Making Of. Como houve sets, porém, nos quais nenhum dos fotógrafos principais pode estar presente, Clara e Lucas captaram imagens que foram inseridas no produto final, integrando, também, a equipe de fotografia dos vídeos.

Para a edição dos videodocumentários, Mariane Silva foi escalada, inicialmente, sozinha. Porém convidou Lucas Justino para dividir a função, facilitando o processo para todos. Para otimizar o tempo da pós-produção, as apresentações musicais foram editadas de maneira concomitante aos videodocumentários, ficando a cargo de Ana Paula Lopes, aluna de Filosofia da UnB que estagia com edição de vídeos. As animações ficaram por conta de Rodrigo Blergh, estudante de Publicidade na

Faculdade Projeção e a já citada Ana Paula Fonseca cuidou da Identidade Visual do projeto. Com a equipe definida, os membros se reuniram para um alinhamento quanto aos planos e visões imaginados pela diretora. À essa altura, havia-se definido apenas um dos três protagonistas do projeto, o que pode ser melhor compreendido na seção a seguir.

### **6.1.2 Protagonistas**

Decidiu-se que o primeiro contato com os participantes dos vídeos seria feito por elas mesmas. O plano era explicar o projeto, seus segmentos (vídeos e site) e fazer o convite aos protagonistas. Com isso acordado e combinado, a produção seguiria com o trabalho de logística. Assim, ambas partiram em busca de seus futuros personagens principais, ainda antes de se pensar em equipe e, conseqüentemente, um membro para a Produção.

A procura se iniciou no final de 2018, com Ana Paula e Victoria indo juntas a locais com maiores chances de achar os protagonistas. Por se tratarem de pessoas com deficiência que tocassem e/ou cantassem, ambas acharam mais provável encontrar alguém com essas características em alguma escola de música. Sendo assim, a dupla se dirigiu às escolas “Musiflex” e “BSB Musical”. Nesta última, já encontraram três possíveis protagonistas: Thomas, trompetista cego, Júlio, tecladista com Síndrome de Down e Francisco, autista que canta. Aqui, de início, surgiu a ideia de se fazer um recorte de caso, focando nos alunos com deficiência da BSB Musical. Os planos, porém, mudaram, como poderá ser visto nos próximos parágrafos.

Victoria anotou os horários de aula dos três alunos encontrados e ambas pretendiam ir ao encontro deles, mas o período de aulas já estava chegando ao fim. Até dezembro de 2018, a dupla conseguiu contatar somente Thomas, que aceitou participar do projeto e passou seu número de telefone. Ele possuía apenas uma ressalva: se as gravações se realizassem em 2019, era possível que ele não estivesse mais tendo aulas na escola. No ano seguinte, o celular de Victoria foi roubado. Por não se haver feito a anotação do número de Thomas em outro local, ele foi, infelizmente, perdido. A partir daqui todas as informações externas coletadas eram colocadas em uma nuvem, costume que se estendeu até o fim do projeto.



Ao voltar à BSB Musical, já em janeiro de 2019, as notícias foram mais preocupantes do que se esperava: além de Thomas não fazer mais aulas na escola (e ela não poder passar qualquer contato dele), o mesmo havia acontecido com Júlio. Ou seja, dois potenciais protagonistas precisariam ser novamente localizados. Mas Francisco seguia comparecendo às aulas. Ana Paula e Victoria concordaram, aqui, que não era estritamente necessário que ambas seguissem a procura. Elas chegaram à conclusão que, como seria feito em duas partes (os vídeos primeiro e uma plataforma com a série e um conteúdo complementar depois), a prospecção de protagonistas poderia ser feita apenas pela equipe de audiovisual. Assim, a partir daqui, Victoria procedeu a busca sozinha – com a dupla sempre se alinhando em relação às escolhas. E partiu em busca de um contato com Francisco.

Como já se havia anotado os horários de aula do rapaz, o primeiro encontro com ele se deu de maneira rápida. Francisco Boing e sua mãe, Raquel, foram abordados já na recepção da escola de música. Ambos aceitaram de pronto, com Raquel pedindo antecedência nas confirmações de set, para preparar Francisco e deixá-lo a par da presença de uma equipe no dia marcado. Nessa mesma conversa descobriu-se o quanto a família do rapaz também era ligada à música e o apoio que ela fornecia a ele. Esse poderia ser um ponto a ser frisado em seu documentário e, de fato, foi o foco escolhido para o seu roteiro.

Por não se haver mais PcD nas escolas que haviam sido visitadas em 2018, optou-se por mudar o foco do projeto, aumentando sua abrangência e procurando pessoas em outros possíveis locais, como a própria Escola de Música de Brasília (EMB). Como explicado na seção Apresentação, havia apenas um protagonista definido quando a equipe foi montada. Foi neste momento da prospecção de protagonistas que Sofia Todd entrou no projeto como produtora. Assim, ela e Victoria se dirigiram à EMB. Ao chegar no local, encontraram Andréa Menêzes, professora de música das 17 pessoas com deficiência visual que estudam lá.

Após explicar o projeto, ela indicou alguns de seus alunos, sendo Sávio Lobato um deles. Por ser músico contratado no Laboratório Sabin, o jovem seria um bom exemplo de conquista profissional de um PcD que tem uma grande relação com a música. Esse

assunto foi o mais visado em ser abordado no documentário de Sávio. Victoria entrou em contato com o jovem, que logo aceitou participar.

A partir deste momento, porém, os requisitos aumentaram: por se terem confirmado dois homens, era preferível que a terceira pessoa fosse uma mulher. Dessa forma haveria um pouco mais de diversidade no produto, ao menos de gênero. Andréa chegou a indicar uma ex-aluna sua, atual estudante de música na Universidade de Brasília (UnB), mas ela também possui deficiência visual. Para não se haver repetição e, novamente, haver diversidade, a musicista não foi contatada. Porém havia mais uma aluna com deficiência no Departamento de Música da universidade: Shirley Nunes.

Victoria entrou em contato com Isabel Quintela, egressa de Música da UnB, à procura de possíveis protagonistas mulheres. Ela afirmou haver uma mulher com acondroplasia estudando piano no local. Ao chegar no Departamento, Victoria conversou com o professor Renato Vasconcellos, que logo mediou o contato entre Shirley e a diretora. Ao ser contatada, ela aceitou o convite rapidamente. Tendo uma protagonista estudante universitária de música, os eixos de cada episódio se tornaram interessantes. Diferentes, porém complementares: a família, o trabalho e o estudo na relação da Pessoa com Deficiência com a música. Neste momento, definiu-se o time de protagonistas do Sinta o Som e, enfim, tornou-se possível começar a produção dos vídeos.

## **6.2 Produção**

Como haveria dois tipos de produção diferentes - do documentário e do estúdio -, decidiu-se espaçar a realização de cada um, começando pelos vídeos documentais e deixando as apresentações para o mês seguinte. Assim seria possível conhecer melhor os protagonistas, se familiarizar com sua música e deixá-los mais à vontade com a equipe para a gravação de música em estúdio. Uma vez que essa diária seria, provavelmente, paga, era melhor haver uma maior garantia de acerto nas gravações, para que não se ultrapassasse o tempo reservado.

### 6.2.1 Videodocumentários

O primeiro passo na produção dos videodocumentários foi a busca por equipamentos. Para não haver muita dependência em relação aos horários de reserva disponíveis na técnica da Faculdade de Comunicação (FAC) da UnB, decidiu-se firmar uma parceria com o Programa de Ação Contínua Comunicação Comunitária - projeto de extensão da própria FAC. Assim, a equipe poderia contar, ao menos, com o um kit básico na Fotografia (câmera 80D e três luzes LED), mesmo se não tivesse disponibilidade de reserva na técnica.

Caso houvesse a necessidade de se ter mais equipamentos de Fotografia, seria feita a reserva na técnica. O mesmo foi imaginado para o áudio. Dessa maneira, um gravador Zoom H4 e um kit lapela Sony foram emprestados pela produtora cultural Lorena Bicalho. O boom seria reservado na técnica, sempre que necessário. Com essa questão já resolvida, era o momento de organizar as gravações.

Em relação à equipe, como foi explicado anteriormente, duas pessoas estavam disponíveis por cargo. Dessa maneira, à medida que os sets eram confirmados, Sofia escalava alguém para Fotografia e para a captação de som, levando em consideração a real possibilidade de participação da pessoa naquela filmagem. Para todos os sets era feita uma ordem do dia, cujo um exemplo pode ser visto na seção Anexos.

Alguns planos precisaram ser mudados ao longo das gravações. O exemplo mais marcante disso aconteceu no documentário de Sávio. Apesar da intenção de mostrar o seu trabalho no Laboratório Sabin, a autorização para gravação no local nunca foi, de fato, dada. Desde a confirmação do músico como participante da série, Sofia e Victoria visavam uma ida ao laboratório para a solicitação. Mas, a pedido do próprio Sávio, o primeiro contato foi feito com o supervisor interino dele, Marcello Sales.

Por se tratar de uma empresa muito grande, seria mais possível que a autorização viesse com o pedido vindo de dentro. Dessa forma, Sofia contatou Marcello, que se comprometeu a falar diretamente com os diretores de uma das unidades que o jovem toca. Ele pediu que uma versão resumida do projeto fosse enviada, então Victoria redigiu-a e Sofia a mandou para, mantendo o contato com Marcello. Apesar de várias

tentativas, porém, ele não conseguia uma confirmação de que a equipe estava autorizada a gravar.

Assim, decidiu-se ir pessoalmente ao Sabin. Chegando lá, Sofia foi orientada a entrar em contato diretamente com o supervisor de Sávio, Alan Cruz. A partir deste momento, Alan se tornou a ponte entre o laboratório e o documentário. Alan também tentou contato interno, mas sempre afirmavam que iriam checar com os “superiores”. As duas começavam a sentir a necessidade de um plano B, mas, nessa mesma semana, Sávio mostrou mais uma possibilidade: o Sabin costuma abrir seu espaço para Trabalhos de Conclusão de Curso. Para isso, é necessária apenas uma carta assinada pelo orientador e pela instituição, enviada por e-mail e explicando o viés do projeto. Porém, mesmo após os 15 dias de antecedência para resposta terem passado, o Sabin não respondeu à solicitação.

Por já se ter tomado muito tempo e o calendário estar se atrasando, decidiu-se trocar a abordagem do vídeo: Sávio não seria mais acompanhado no Sabin, mas, sim, no Remédio Musical - projeto no qual é voluntário e do qual a professora Andréa havia falado na visita à Escola de Música. A pauta seguiria interessante, mostrando a música sendo usada como terapia e remédio - fala, inclusive, utilizada por Sávio e por Shirley em suas respectivas entrevistas. Assim, o voluntariado do jovem terminou sendo inserido em seu documentário.

O vídeo de Shirley também contou com uma alteração em relação ao plano original: já se imaginava uma entrevista com a pianista e com seu professor, Renato. Porém, ao saber sobre o adaptador e o piano doados por Rogério Resende, dono da Casa de Piano, viu-se a importância de inseri-lo no documentário. Rogério é parte da acessibilidade que auxiliou Shirley no prosseguimento de seu aprendizado. Assim, a equipe se dirigiu ao local para poder entrevistá-lo, aumentando um dia de set que não havia sido imaginado anteriormente.

Após se conseguir os equipamentos, alinhar as visões e intenções do projeto com a equipe e fazer as alterações de planos necessárias, os videodocumentários foram gravados em 7 dias. Eles se deram da seguinte maneira:

1. 10/04: Aula de canto do Francisco e entrevista com o professor Geovane
2. 13/04: Entrevista com Shirley pela manhã e com Sávio no período da tarde.
3. 17/04: Aula de piano da Shirley e entrevista com professor Renato Vasconcellos
4. 04/05: Visita à Casa do Piano e entrevista com Rogério Resende
5. 07/05: Acompanhamento de Sávio no grupo voluntário Remédio Musical
6. 17/05: Entrevista com Alan Cruz
7. 19/05: Gravação com a família do Francisco

### 6.2.2 Estúdio

Após o fim das gravações do documentário, chegou o momento de preparar o necessário para a apresentação musical. A pesquisa por estúdios existentes no DF começou bem no início do projeto, ainda antes de se saber quem eram os protagonistas e onde eles moram. Por conta da falta dessa informação, foi feito um mapeamento de estúdios existente pelo Distrito Federal, com endereço e contato. A tabela com os estúdios pode ser vista na seção Anexos.

Atendendo à disponibilidade dos três protagonistas, a gravação precisava ser realizada em um domingo. Poucos estúdios atenderam o contato feito por Lara e Sofia e o número de estúdios que ficavam abertos aos fins de semanas era ainda menor. Dessa forma, a escolha do local se deu por conta de horários disponíveis que se encaixassem com os da equipe e dos protagonistas, além de orçamento. Assim, as gravações aconteceram no Estúdio Formigueiro, localizado no Guará, duas semanas após o último set do documentário. Para esse set foram escaladas Raissa Amaro e Clara Smith na Fotografia, além de Lucas Baxter no Making of e Sofia na Produção. Porém Clara e Lucas acharam mais interessante trocar de função, o que foi acatado pela diretora, que já havia visto o trabalho de Lucas em um dos sets anteriores.

Para a Fotografia, escolheu-se mostrar e assumir a estética de um estúdio, deixando-se aparecer, assim, equipamentos, caixas de som e instrumentos. Havia duas câmeras, com dois takes da mesma música sendo gravados, no mínimo. O primeiro take no caso de Francisco contou com os fotógrafos se dispondo à frente dele e de Roberto Marinucci, seu pai, que tocou o violão. No segundo take, uma das câmeras

se posicionou atrás da dupla e a outra permaneceu gravando a interação pai-filho. Para Sávio e Shirley, cada fotógrafo ficou de um lado, um focando em detalhes e outro fazendo um plano mais aberto.

Para a iluminação, fresnel e marmitta foram levados à locação - principalmente porque a luz do estúdio era muito baixa. Além disso, era muito amarelada, então escolheu-se uma gelatina azul para ser usada o set. Ela servia não apenas para corrigir a cor, mas para dar um aspecto um pouco mais “lúdico” para o vídeo. Com os vídeos do estúdio gravados, todo o projeto se encontrava em fase de pós-produção.

### **6.3 Pós-produção**

O início do processo de pós-produção com a escolha da escrita de um roteiro de edição para o documentário de cada protagonista. Os três roteiros podem ser vistos na seção Apêndices. Para que fosse possível escrevê-los da maneira que a diretora imaginava, ou seja, com descrição de falas e minutagens, era necessária a transcrição das entrevistas - documento que também está na seção Apêndices. Ela agiliza a busca de novas falas e uma visualização mais rápida do que foi dito pelo entrevistado - relendo o conteúdo, por exemplo, ou até mesmo procurando-o por meio de comandos de busca (ctrl+F). Além disso, facilitaria a compreensão do funcionamento da montagem proposta no que diz respeito ao discurso, quando se lesse a junção das falas selecionadas de todos os entrevistados de cada documentário.

Lucas Justino editou o vídeo de Francisco e de Sávio e Mariane Silva editou o de Shirley. O combinado com ambos os editores era que eles seguissem os roteiros, porém tendo total liberdade de modificar o que não funcionasse ou de acrescentar outras ideias ao que estava sendo proposto. Para agilizar a consulta, havia uma relação de arquivos contendo o conteúdo de cada take e de cada personagem. Um exemplo de relação de arquivos pode ser Apêndices. Já os vídeos do estúdio foram editados por Ana Paula Lopes, também podendo fazer conforme achasse mais interessante. Com sua entrada na equipe foi possível manter as edições dos documentários e das apresentações acontecendo simultaneamente.

Ana Paula Fonseca fez a identidade visual do projeto, imaginando uma paleta de cores contendo, como cor principal, o verde. Para cor auxiliar, foi-se imaginado o laranja, como pode ser visto na imagem a seguir:



Figura 01 - Paleta de Cores “Sinta o Som”

Desta maneira, o logotipo do projeto seguiu a mesma linha de cores. A animação contida logo no início dos vídeos vai do laranja para o verde mais claro, finalizando no verde mais escuro - a cor principal. Para se remeter à música sem fazer uso de recursos “comuns” como as claves, foram inseridas linhas horizontais no logotipo, remetendo às linhas de partitura. Ana Paula Fonseca apresentou todas as aplicações (em preto, em branco, em colorido) e, após se alinhar com Victoria, definiu o logotipo final da seguinte maneira:



Figura 02 - Logotipo “Sinta o Som” Horizontal



Figura 03 - Logotipo “Sinta o Som” Vertical

Com a identidade visual estando pronta, já era possível fazer os encaminhamentos para a animação. Rodrigo Blergh foi o responsável pelos movimentos do logo, no início dos vídeos, as tarjetas com identificação dos entrevistados e os créditos. Alguns

testes de cores e movimentos foram feitos antes de se chegar no resultado visto no produto final. Desta maneira, os vídeos pensados para o projeto Sinta o Som estavam, enfim, prontos. Para o momento em que estes forem para o site, pretende-se adicionar recursos de acessibilidade como a Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS), audiodescrição, *closed captions* e legendas.



## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início do período dedicado ao projeto, muito pode-se aprender ao longo de sua execução. Isso tanto em relação às pessoas com deficiência e à música, quanto em relação à própria produção audiovisual. Apesar de toda a preparação teórico-referencial que foi feita, há sempre um acréscimo no aprendizado ao conversar com a pessoa pessoalmente e acompanhá-la em alguma atividade de sua rotina. Mas todos os pontos serão explicados melhor e separadamente.

Percebeu-se que a música tem, de fato, um papel essencial na vida de todas as pessoas que aparecem nos vídeos. Não apenas isso, viu-se que os três protagonistas conseguiram superar os obstáculos que encontraram em seus caminhos na música. Shirley ganhou um adaptador, Sávio fez marcações no braço do violão para conseguir discernir as casas e Francisco passou a ter aulas de canto, com o microfone e, às vezes, no palco - local que tanto adora.

Foi possível conhecer a forma como os instrumentistas chegaram no nível musical que têm hoje, alicerçados na própria vontade e no apoio dos familiares. Mesmo o episódio do Francisco sendo o único com subeixo familiar definido, percebeu-se que as famílias de Shirley e Sávio também foram vitais para a inserção destes no mundo musical: o tio do rapaz deu seu primeiro violão e os pais de Shirley a apoiaram na sua escolha acadêmica.

A visita ao HUB foi um belo exemplo do quanto a música pode ajudar as pessoas. Como Alan diz durante sua entrevista, ela pode servir como um remédio para os pacientes. É extremamente tocante poder testemunhar a felicidade deles que, mesmo debilitados com a quimioterapia, sorriam e curtiam o que estava sendo tocado por Sávio e Alan. É mais um dos exemplos concretos de que a música na vida de quem a ouve pode se tornar algo de uma importância muito maior que a apreciação - como dito anteriormente.

O aprendizado audiovisual foi bem além do esperado. A primeira grande lição veio em relação ao cargo. Como ser uma diretora firme sem ser autoritária? Como ser firme, de qualquer forma? Muitas decisões precisavam ser tomadas e havia mais pessoas

envolvidas no processo do que o esperado. Do início ao final, foi necessário que a postura se tornasse mais decidida e firme, algo não muito comum na realidade da diretora.

Outra lição tirada da experiência foi a forma de lidar com os entrevistados. Apesar de a diretora já ter feito um produto anteriormente que envolvia pessoas com deficiência, a mesma ainda não tinha entrevistado e lidado de maneira tão direta com indivíduos nessa condição. Como dito, o aprendizado teórico-referencial é, sim, útil. Porém não há como se preparar apenas com a teoria.

Existem muitos receios por parte de quem precisa lidar com pessoas com deficiência. E com a equipe não foi diferente. Era notável a diferença de tratamento que aconteceu no primeiro encontro com os protagonistas e no último. Não se sabia se era melhor segurar o braço de Sávio, por exemplo, ou apenas guiá-lo por voz quando foi necessário que ele trocasse de lugar para um melhor enquadramento. Todos temiam provocar algum desconforto com os protagonistas, ou acabarem sendo “protetores” demais, como se duvidassem de suas capacidades.

A mudança de atitude da equipe se deu não só por já se criar uma pequena intimidade com os entrevistados, mas por todos terem entendido o essencial: não há tanto o que temer, desde que haja respeito e consciência em relação à pessoa que está ali e suas limitações. É preciso muita atenção com uma pessoa com autismo, por exemplo, porém Francisco sempre se mostrou muito interessado em gravar.

Por fim, percebeu-se que, apesar de serem vídeos curtos, é preciso muita organização para que tudo saia conforme o planejado. Por se tratarem de pessoas com diferentes deficiências e que tocam diferentes instrumentos, a magnitude de detalhes a serem inseridos no produto foi muito maior do que se havia imaginado. Eram, de fato, três pequenos documentários com narrativas totalmente diferentes entre si. Porém, mesmo sendo mais complexo, o número de preocupações se mostrou menor do que o de conhecimento e de experiência. Fato extremamente satisfatório, além de enriquecedor.

## 8. REFERÊNCIAS

### 8.1 Referências Bibliográficas

ABRÃO, M.A; TSA, V.G.S, BARCELLOS, C.F.L.V.A, CONSENZA, R.C.M, CARNEIRO, J.R.I.C. **Anestesia em anã acondroplásica obesa mórbida para gastroplastia redutora.** In: Rev. Bras. Anesthesiol. vol.59 no.1 Campinas Jan./Feb. 2009.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-70942009000100011&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-70942009000100011&script=sci_arttext&tlng=es)> Acesso em 22 de Jun de 2019

AGNOLON, Rosângela. MASOTTI, Demerval Rogério. **A musicalização e o desenvolvimento cognitivo de crianças a partir das inteligências múltiplas.** In: Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia, Canoas, v.5, n.1, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/viewFile/1967/1490>> Acesso em 04 de Nov de 2018.

BERNARDES, Fernanda. **Webdocumentário e Interação: compreendendo o papel do usuário em Fort Mcmoney.** 2015. Disponível em: <[https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/01/Fernanda-Bernardes.PUCRS\\_.pdf](https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/01/Fernanda-Bernardes.PUCRS_.pdf)> Acesso em 23 de Nov de 2018.

CARVALHO, Rosane de. LIMA, Beatriz. **A Música e o Desenvolvimento Cognitivo Infantil.** I Seminário PIBID/Sudeste e III Encontro Estadual do PIBID/ES. 2015. Disponível em: <[http://www.fai.com.br/portal/pibid/adm/atividades\\_anexo/eaf5aaffd4eaa9d19554da587d508be9.pdf](http://www.fai.com.br/portal/pibid/adm/atividades_anexo/eaf5aaffd4eaa9d19554da587d508be9.pdf)> Acesso em 04 de Nov de 2018.

CERVAN, Mariana Pereira; SILVA, Márcia Cristina Pires, LIMA, Rodrigo Lopes de Oliveira; COSTA, Roberto Fernandes da. **Estudo comparativo do nível de qualidade de vida entre sujeitos acondroplásicos e não-acondroplásicos.** In J Bras Psiquiatr. 2008;57(2):105-111. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v57n2/a04v57n2.pdf>> Acesso em 22 de Jun 2019.

CORRÊA, Ana Grasielle D. FICHEMAN, Irene Karaguilla. LOPES, Roseli de Deus. **O Fazer Musical de Pessoas com Deficiência: as novas tecnologias propiciando a inclusão.** In: Anais do 23º Simpósio Brasileiro de Informática na Educação (SBIE 2012), ISSN 2316-6533 Rio de Janeiro, 26-30 de Novembro de 2012. Disponível em: <<http://br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/1750/1511>> Acesso em 04 de Nov de 2018.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência.** São Paulo. Editora Brasiliense; 2007. 96 pp. (Coleção Primeiros Passos, 324). Disponível em: <[http://www.museusacessiveis.com.br/arquivosDown/20190204153017\\_o\\_que\\_c%C2%A9\\_deficic%C2%A9ncia\\_-\\_dc%C2%A9bora\\_diniz.pdf](http://www.museusacessiveis.com.br/arquivosDown/20190204153017_o_que_c%C2%A9_deficic%C2%A9ncia_-_dc%C2%A9bora_diniz.pdf)> Acesso em 22 de Jun de 2019

FANTINI, Renata Franco Severo; JOLY, Ilza Zenker Leme; ROSE, Tânia Maria Santana de. **Educação Musical Especial: produção brasileira nos últimos 30 anos.** In: REVISTA DA ABEM, Londrina, v.24, n.36, p. 36-54, jan.jun. 2016. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/566/463>> Acesso em 04 de Nov de 2018.

FERREIRA, Clodo. **Comunicação e Música;** 2016. 140p. 1 ed. Brasília: FAC-UnB, 2016.

FROTA, AR da. **A Educação Sensível.** In: Arte, atualidade e ensino / organizado por Daiane Solange Stoeberl da Cunha. Guarapuava: Unicentro, 2013. p. 23-28. Disponível em: <<http://www2.unicentro.br/editora/files/2013/09/Arte.pdf>.> Acesso em 10 de Nov de 2018.

KEENAN JUNIOR, Daltro; KREMER, Morgana. **A inserção de estudantes com deficiência visual em cursos de licenciatura em música: um estudo de caso na universidade estadual do Rio Grande do Sul.** In: Revista da FUNDARTE, Montenegro, p.171-191, ano 18, nº 35, janeiro/junho. Disponível em: <<http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/470>> Acesso em 18 de Nov de 2018.

LOURO, V.S.; IKUTA, C.Y.; NASCIMENTO, M. **Música e deficiência: levantamento de adaptações para o fazer musical de pessoas com deficiência**. 2005. Disponível em: <[https://musicaeinclusao.files.wordpress.com/2016/06/louro-viviane-mc3basica-e-deficic3aancia\\_levantamento-de-daptac3a7c3b5es-para-o-fazer-musical-de-pessoas-com-deficic3aancias.pdf](https://musicaeinclusao.files.wordpress.com/2016/06/louro-viviane-mc3basica-e-deficic3aancia_levantamento-de-daptac3a7c3b5es-para-o-fazer-musical-de-pessoas-com-deficic3aancias.pdf)> Acesso em 05 de Nov de 2018.

NUNES, Patrícia Alexandra Oliveira. **Experiência Auditiva no Meio Intra-Uterino**. Portugal. 2009. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0157.pdf>> Acesso em 15 de Nov de 2018.

RODRIGUES, Letícia Gomes. **Um estudo sobre a Teoria das Inteligências Múltiplas**. São Paulo. 2015. Disponível em: <[http://www.gradadm.ifsc.usp.br/dados/20152/SLC0631-1/Trabalho\\_tipos\\_inteligencia.pdf](http://www.gradadm.ifsc.usp.br/dados/20152/SLC0631-1/Trabalho_tipos_inteligencia.pdf)> Acesso em 18 de Nov de 2018.

RODRIGUEZ, I. A. & SILVA, E. R. & CAPELLINI, V. L. & SANTOS, F. H. **A música e a pessoa com deficiência: uma revisão narrativa da literatura**. Revista Música e Linguagem. Vitória/ES. Vol.1, nº4 (Agosto/2015), p.37-51. Disponível em: <<http://www.publicacoes.ufes.br/musicaeinguagem/article/view/11588/8134>> Acesso em 25 de Jun de 2019

SAMPAIO, R. T. LOUREIRO, C. M. V. GOMES, C. M. A. **A Musicoterapia e o Transtorno do Espectro do Autismo: uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica**. Belo Horizonte, n.32, 2015, p.137-170. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pm/n32/1517-7599-pm-32-0137.pdf>> Acesso em 18 de Nov de 2018.

SCHERER, Claudet de Assis. **A Contribuição da Música Folclórica no Desenvolvimento da Criança**. In: Revista Educativa. Goiânia, v. 13, n. 2, p. 247-260, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/viewFile/1416/932>> Acesso em 19 de Nov de 2018.

SIMÕES, Cristina. **O direito à autodeterminação das pessoas com deficiência** Porto, APPC - FDUP, 2016.

UEMURA, S.T.; GONDO, S.; HAIK, L.; WANDERLEY, M.T.; BUSSADORI, S.K. **Acondroplasia – Relato de caso clínico**. In: J Bras Odontopediatr Odontol Bebê, Curitiba, v.5, n.27, p.410-414, set./out. 2002. Disponível em: <<https://www.dtscience.com/wp-content/uploads/2015/11/Acondroplasia-%E2%80%93-Relato-de-Caso-Clinico.pdf>> Acesso em 22 de Jun de 2019

\_\_\_\_\_. **Manual de Redação Mídia Inclusiva**. Porto Alegre. 2011. Disponível em: <[http://www.portaldeacessibilidade.rs.gov.br/uploads/1313497232Manual\\_de\\_Redacao\\_AL\\_Inclusiva.pdf](http://www.portaldeacessibilidade.rs.gov.br/uploads/1313497232Manual_de_Redacao_AL_Inclusiva.pdf)> Acesso em 21 de Jun de 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei Nº 13.146/15**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em :< [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)> Acesso em 06 de Nov de 2018.

## 8.2 Referências Audiovisuais

ALARCON, Rodrigo. **Disritmia/Ex-amor • Rodrigo Alarcon (Martinho da Vila)**. 2018. (3m16s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-dQpgUkigP4>> Acesso em 04 de Nov de 2018.

AMERICA, Sofra Latin. **Nina Oliveira - Naise | Sofar São Paulo**. 2017. (4m16s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7XONs01r0wU>> Acesso em 04 de Novembro de 2018.

BOTICÁRIO, O. **[Acessível] Natal O Boticário**. 2018. (1m00s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=mF\\_z8vnVtjM](https://www.youtube.com/watch?v=mF_z8vnVtjM)> Acesso em 30 de Nov de 2018.

CAIXA, Fora da. **Liniker - Fim de Festa (Itamar Assumpção) |FORA DA CAIXA|**. 2016. (4m10s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=V3NslziwyoA>> Acesso em 04 de Nov de 2018.

CYRUS, Miley. **Miley Cyrus - The Backyard Sessions - "Jolene"**. 2012. (2m59s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wOwblaKmyVw>> Acesso em 04 de Nov de 2018.

ECO, Som. 5 a. **5 a seco - ventos de netuno - acústico [OFICIAL]**. 2017. (3m8s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yrKe4LykWII>> Acesso em 04 de Nov de 2018

HACMEBKA1. **J Marie Cooper - Closure**. 2016. (3m31s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dIMV3SKwNrU>> Acesso em 04 de Nov de 2018.

LP. **LP - Lost On You [Live Session]**. 2016. (5m8s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wDjeBNv6ip0>> Acesso em 04 de Nov de 2018

REDSKIN. **Paramore Decode (acoustic) Live 27th Sept 09**. 2009. (4m19s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vl0mwLaW1qc>> Acesso em 04 de Nov de 2018.

STUDIO62, Projeto. **Tiago Iorc - Tempo Perdido (Legião Urbana Cover) | Studio62**. 2012. (4m41s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HLWE5I7i47E>> Acesso em 04 de Nov de 2018.

STUDIO, Hai. **Tuyo - Solamento + Amadurece e Apodrece / HAI STUDIO**. 2017. (7m5s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QeVGtkILMRE>> Acesso em 04 de Nov de 2018.

## 9. ANEXOS

### 9.1 Exemplo de modelo de autorização de uso de imagem utilizado

#### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, \_\_\_\_\_,  
de nacionalidade \_\_\_\_\_, estado civil \_\_\_\_\_,  
portador(a) do RG n.º \_\_\_\_\_, inscrito(a) no CPF sob o  
n.º \_\_\_\_\_, residente no endereço  
\_\_\_\_\_, AUTORIZO o uso de  
minha imagem, sem qualquer ônus e em caráter definitivo. A presente autorização  
abrangendo o uso da minha imagem na filmagem acima mencionada é concedida à  
produção de nome SINTA O SOM, a título gratuito, abrangendo inclusive a licença a  
terceiros, de forma direta ou indireta, e a inserção em materiais para toda e qualquer  
finalidade, seja para uso comercial, de publicidade, jornalístico, editorial, didático e  
outros que existam ou venham a existir no futuro, para veiculação/distribuição em  
território nacional e internacional, por prazo indeterminado. Por esta ser a expressão  
da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a  
ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ora autorizada ou a qualquer  
outro, e assino a presente autorização.

Local e data: \_\_\_\_\_

Telefone para contato: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) Concedente



## 9.2 Exemplo de ordem do dia utilizada

### ORDEM DO DIA #2 - 13 de abril de 2019

<u>Projeto:</u> Documentário “Sinta o Som”	<u>OBS:</u> Almoço será na casa da Todd. Levar copo reutilizável.
<u>Episódio:</u> Entrevista Shirley e Sávio	

#### Horários e Locação

<u>Locação A (Shirley):</u> xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx	
<u>Horário de chegada:</u> 8h30	<u>Finalização da gravação:</u> 11h
<u>Início da gravação:</u> 9h	<u>Desprodução:</u> 11h30

<u>Almoço:</u> 12h - [endereço]
---------------------------------

<u>Locação B (Sávio):</u> xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx	
<u>Horário de chegada:</u> 13h30	<u>Finalização da gravação:</u> 16h
<u>Início da gravação:</u> 14h	<u>Desprodução:</u> 16h30

#### Equipe escalada

Membro	Função	Telefone
Vic	Direção	61 9 xxxx-xxxx
Todd	Produção	61 9 xxxx-xxxx
Iara	Assistência de Produção	61 9 xxxx-xxxx
Gabu	Som	61 9 xxxx-xxxx
Filipe	Fotografia	61 9 xxxx-xxxx

#### Checklist de equipamentos

Canon 80D (T)	Gravador H4n (L)	LED x3 (C)
Canon 80D (C)	Bolsa de som (T)	Tripé LED x3 (C)
Bateria x4 (T) (C)	Kit lapela (L)	Lente Kit x2
Cartão de memória x3	Fone (Eq)	Lente 50mm
Tripé Benro (T)	Pilhas para o gravador (Eq)	Lente 18-135mm
Carregador x2	RODE p/ câmera (C)	Baterias LED (x6)

### 9.3 Pesquisa de estúdios no DF

NOME	ENDEREÇO	TELEFONE	VALORES
Estúdio Madruga	CLN, 112 - Asa Norte, Brasília - DF, 70762-530	(61) 3032-6414	R\$70 por hora
New Orleans Studios BSB	Asa Norte Comércio Local Norte 408 - Asa Norte	(61) 99673-0102	R\$40 por hora o ensaio
Sinal Music	706 bloco Q 21 - Asa Norte, Brasília - DF, 70740-717	(61) 99688-4664	R\$80 por hora
Zen Studios	SRTVN 702 Conjunto P Edifício Brasília Radio Center Salas 1119,1134 E 1135.	(61) 3328-1007	R\$
Nash - Music Video	St. Sudoeste Superquadra Sudoeste 301 Avenida Shopping 25 - Cruzeiro / Sudoeste / Octogonal	(61) 98141-3911	R\$
Orbis Estudio	Chácara 329, Casa 12a, St. Hab. Brasília DF, 72007-141, Vicente Pires - Taguatinga, DF	(61) 3965-2246	R\$
Heaven's Studio	Asa Norte Comércio Local Norte 410	(61) 99671-4375	R\$
Feedback Studio	SCRN 702/703 bloco C Loja 47 fundos - Asa Norte	(61) 99241-3058	R\$
Mastering Studio	Guará I QE 1 - Brasília, DF, 71020-081	(61) 98554-8067	R\$
Fênix Estúdios e Produtora	Lote 1 e 2, QND 57, Brasília - DF, 72120-570	(61) 3263-0122	R\$
Estúdio Andromeda	SCLRN 706 BLOCO C, SUB-SOLO ASA NORTE BRASILIA-DF	55 61 3543-5826 55 61 9 8192-5664 (WhatsApp) 55 61 9 8241-8514 (WhatsApp)	R\$40 ensaio gravado; R\$50 por gravação (hr)
Estúdio Formigueiro	QE 40 conjunto M lote 8 - Subsolo (6.45 mi) Guará, Distrito Federal	(61) 98422-2788	R\$ 50 hora

## 10. APÊNDICES

### 10. 1 Plano de takes

	Takes	Equipamentos
<b>Entrevistas</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Plano médio e Planos-detralhe enquanto os entrevistados falam;</li> <li>- Família do Francisco: ele interagindo com a irmã, com o pai e com a mãe.</li> <li>- Familiares tocando e cantando junto a ele.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 2 Câmeras</li> <li>- 1 Boom</li> <li>- 1 Kit Lapela</li> <li>- 1 Gravador</li> </ul>
<b>Francisco na Aula de Canto da BSB Musical</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ele e Raquel chegando na BSB Musical pra aula;</li> <li>- Ambos cumprimentando o professor;</li> <li>- Professor ensaiando com Francisco;</li> <li>- Francisco cantando algo com prof acompanhando.</li> <li>- Ele folheando a pasta de músicas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 Câmera</li> <li>- 1 Boom</li> <li>- 1 Kit Lapela</li> <li>- 1 Gravador</li> </ul>
<b>Shirley na Aula de Piano da UnB</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Professor e Shirley em aula;</li> <li>- Piano, sozinho, com adaptador;</li> <li>- Mãos de Shirley enquanto ela toca;</li> <li>- Pés da Shirley e adaptador, enquanto ela toca;</li> <li>- Shirley olhando a partitura enquanto toca.</li> <li>- Shirley tocando no fundo enquanto o professor fala.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 2 Câmeras</li> <li>- 1 Boom</li> <li>- 1 Kit Lapela</li> <li>- 1 Gravador</li> </ul>
<b>Sávio Tocando No Sabin</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sávio dando bom dia/boa tarde para os ouvintes;</li> <li>- Detalhe do Violão e do banquinho (?)</li> <li>- Dedos do Sávio dedilhando o violão;</li> <li>- Sávio e a plateia observando-o (ver autorização de imagem pra essas pessoas);</li> <li>- Detalhe de Sávio mexendo na partitura em Braille.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 Câmera</li> <li>- 1 Boom</li> <li>- 1 Gravador</li> <li>- 1 Kit Lapela</li> </ul>

## 10.2 Transcrição de entrevistas

SHIRLEY NUNES

- Shirley, você poderia começar se apresentando, por favor?

Então, meu nome é Shirley, tenho 28 anos, estou no 6º semestre de Licenciatura em música na UnB e o meu instrumento é o piano.

- E qual a sua história? Como você começou a se interessar por música?

Então, com seis anos eu comecei a me interessar por música, tipo... como eu frequento a igreja, tipo, eu ia pra igreja e via as pessoas lá tocando órgão, uma orquestra, e ficava, assim, falando para a minha mãe que queria aprender também. Daí ela me deu um teclado pequeno, que dali eu comecei a tirar som. Eu ouvia as coisas de ouvido e tirava sem mesmo conhecer a partitura e sem ter noção das notas musicais. Aí quando eu completei meus nove anos, ela me deu um teclado maior e me colocou na igreja, também, para estudar. Foi aí que eu comecei a estudar o órgão. Me formei lá. E logo depois disso, com ô que... uns cinco anos depois que eu já tinha terminado, oficializado na igreja, eu comecei a ter aulas particulares de piano, que é muito diferente do órgão. Aí tive aulas de piano. Fiz um curso, assim, rápido, preparatório, para entrar na prova de habilidades específicas, pra entrar aqui na UnB, fazer a prova e... daí foi isso.

- E como é sua relação com a música em geral? Como você se sente quando toca?

Olha, a música, tipo, o instrumentista, ele pode passar para as pessoas o que ele é através da música. Expressar, tipo, os sentimentos, alguma coisa que a pessoa tenha dentro dela... isso pode ser passado através da música. Tipo, para o público em geral. Não só para o público, tipo, para quem... pra si mesmo, entendeu? É uma forma muito, assim, como eu digo? É uma forma de... expressividade. Você se expressar através dela. Que, daí você também se conhece. Quem você é. Entende? Através da linguagem musical.

- Você disse que a música ajuda no autoconhecimento. Como ela te ajudou a se conhecer, já que você começou a tocar tão novinha?

Então, a se conhecer foi tipo assim, é, eu... eu sempre fui muito apaixonada por música clássica, música erudita. Aí, tipo assim, eu queria muito me envolv... é, ficar mais infiltrada... nisso, na música erudita. É uma forma, também, de, tipo, é uma forma de, tipo assim, o que você tiver sentindo, se é medo, alguma coisa, alguma forma de angústia, a música, ela também ajuda, é uma forma de terapia, também, pra vida do músico. E para o ouvinte também. Porque, às vezes, têm pessoas que não... assim, que não tocam, mas, tipo assim, sentem o que você está tocando, entende? Através da dinâmica [inaudível] musical, que você tem. É isso.

- Quais são os seus artistas favoritos?

Dentro da música erudita, que você quer, né? Beethoven, Chopin, Rachmaninoff, embora eu não toco, embora eu nunca toquei uma peça de Rachmaninoff, é Tchaikovsky, também... são vários. Esses são os principais, que eu te falei, assim, que são meus favoritos. E tem Erik Satie, também. Erik Satie é um compositor francês.

- Você tem alguma música preferida? Algum álbum, algum artista que você prefira tocar?

Olha, eu tenho sim... gosto muito de Chopin. Tipo, os prelúdios, noturnos... eu gosto de trabalhar com eles também.

- Quando formos para o estúdio, o que você escolheria tocar?

Assim, eu queria tocar uma coisa inédita do que eu vou tocar aqui. Não seria a mesma coisa, entende? Eu acho que lá eu poderia tocar Chopin e aqui eu poderia tocar outros compositores.

- Tem uma obra específica do Chopin que você pensa em tocar?

Tenho. Tem o Prelúdio. E tem o Noturno, que eu estou... eu tenho estudado esse Noturno, tem uns meses que eu estou nesse Noturno. Estou trabalhando em cima de dinâmica, também, e interpretação.

- Como assim, interpretação?

Olha, é porque cada compositor, quando ele compõe uma obra... o Chopin compôs muito as obras de acordo com o que acontecia na Polônia. Ele era polonês e naquela estava acontecendo muita... acho que era muita guerra. Só não sei o nome. E, tipo, ele, tudo que ele vinha, ele compunha. Assim, na cidade dele, ele compunha uma música para aquilo que ele via, sabe? E nós, que somos músicos, nós pianistas, a gente tenta compor - compor não - expressar a música, interpretar a música, através do que o compositor está querendo dizer em cima daquilo.

- E, no geral, qual o papel da música na sua vida?

Então, o papel da música na minha vida, assim, ela tem feito muito... muita diferença. Diferença que eu falo, é, tanto de... [interrupção]

Então, a música, ela sempre foi muito importante na minha vida. Primeiro começou como um hobby, né? Aí depois, começou, tipo assim, eu comecei a estudar, quando eu entrei na UnB e comecei a ter, assim, uma visão de que poderia virar, também, uma profissão no futuro. E, tipo assim, sempre fez muita... muita importância mesmo, como eu falei anteriormente: na forma de se expressar, nos sentimentos que você pode passar para as pessoas, de quem você é, entendeu? Através da música, dos compositores. Na época eles queriam dizer, tipo, no caso, o Chopin, ele compunha de acordo com o que estava acontecendo na época. É isso.

- E, falando agora em relação ao adaptador, você poderia contar um pouco da história dele?

Então, no segundo semestre do curso eu comecei a ter aulas de piano erudito com a professora. Daí eu nunca, tipo assim, eu tinha muita dificuldade. Eu não tocava com o pedal, ela não me passava, também, repertório com o pedal, porque eu não alcançava. Ela colocava uma caixa de papelão para que eu apoiasse os meus pés, para que, também, não impedisse o meu movimento no teclado. Aí eu perguntei pra ela se ela não conhecia alguma pessoas, alguma coisa, para que pudesse... adaptar o pedal, sabe? Ela falou que não. Daí eu procurei o Rogério, que hoje ele é o dono da Casa do Piano. Ele é restaurador de pianos. De pianos antigos. E, tipo assim... só que antes disso, antes d'eu entrar na UnB, um ano antes, eu tinha ido no Museu do Piano, que fica no... que estava tendo uma exposição lá no Museu Nacional, né, de pianos. Eu perguntei pra ele e ele falou que não tinha conhecimento disso. Eu falei "ah, mas um dia eu posso te procurar" e ele falou "está bom, se quiser me procurar, você pode me procurar". Então, quando foi nessa mesma época, quando estava, já, tendo aula de piano, eu fui lá na Casa do Piano. Aí eu comecei a estudar com ele. Perguntei pra ele se ele conhecia alguma... que eu estava procurando alguma forma de adaptar, ou alguma coisa para o pedal. Aí ele falou "ó, eu não conheço não, mas eu posso pesquisar". Daí ele fez uma reunião, né, com a que na época era minha professora e o chefe do dpto. De Música, pra saber, né? Daí a minha ex-professora, ela tinha entrado em um site, de uma... de um site

estrangeiro, para poder, tipo assim... aí lá ela pesquisou, né? Ela achou um adaptador pra piano que, tipo assim, você só encaixava o adaptador no pedal e, tipo, você já começava a tocar. E próprio pra criança mesmo, quando começa, que não alcança o pedal. Aí ela mandou pra ele. Aí ele fez esse pedido, que veio de outro... eu não lembro direito de qual de qual país veio. Aí ele, tipo, ele mesmo que comprou, ele mesmo que pediu e me deu, pra usar lá no Dpto. de Música, que está lá. Aí eu comecei a usar e cheguei a comentar com ele: “será que não existiria um piano mais baixo? Assim, tipo, pra minha estatura?” e ele: “É, poder ser, por que não?”, aí eu falei “mas será?”. E ele: “Nada é impossível”. Aí foi quando ele falou pra mim que ia ver, tipo assim, eu não sabia, né? Que ele já estava preparando esse piano. Que ele estava num piano de uma estatura, é, normal. Aí ele cortou os pés do piano e adaptou pra mim. Aí, tipo, ele me deu o piano. Tipo, foi muito... foi uma coisa muito gratificante, que eu nunca imaginei que fosse... nisso, nessa história, que eu fosse, também, ganhar um piano, sabe? Que ele mesmo fez.

- Então esse piano, ele é do tamanho certo?

Sim! Aí ele tirou... antes disso ele já tinha ido no Depto. De Música tirar as medidas, né? Para ver qual o tamanho seria. Na época disso, tipo, foi em 2017 que eu ganhei esse piano. Aí ele me deu... o piano.

- E pra fazer a prova? Como você fez a prova específica?

A primeira que eu fiz, eu não passei. Aí a segunda foi assim: não foi um piano como esse. Eu fiz em um piano elétrico, que lá mesmo os professores adaptaram. Colocaram uns livros por baixo e colocaram um pedal em cima para que eu pudesse tocar. Foi desse jeito. Porque piano acústico eu não podia tocar, porque não tinha adaptador lá. E agora tem.

- Então, para você, qual a importância da acessibilidade para pessoas com deficiência na música?

Então, assim, a importância... eu acho que nada é impossível para que... de aprender. A música, ou outra coisa. Tipo, pode ter uma barreira, sim, como tem, mas, tipo assim, o importante é não desistir disso. Porque quando eu entrei mesmo na música, eu já sabia que não ia ser fácil. Tipo, tocar um instrumento. Piano, que é um instrumento que eu sempre, também, gostei muito. Sabe? O meu instrumento, também, preferido, tirando o órgão. Mas, assim, eu sempre coloquei na minha cabeça que pra tudo tinha um jeito. Sabe? E eu sempre quis, também, que as pessoas acreditassem, que tem o mesmo, é, a mesma coisa que eu, entendeu, que têm a mesma estatura que a minha, tipo assim, que é possível correr atrás dos seus objetivos. Para que... que nada, tipo assim, não pode parar, sabe? É isso, tipo, é muito importante isso também. Uma forma de você acreditar nas coisas.

- O nanismo, para você, é uma deficiência?

Olha... segundo a Medicina, os médicos, eles falam que sim. Tipo, tem pessoas que falam: “Ah, tá, eu te acho normal”. Tudo bem, eu gosto de ser tratada como uma pessoa normal. Mas os médicos falam que, no meu caso, tipo assim, eu nasci com acondroplasia. Então na minha família não tem ninguém assim. Eu já pesquisei, já falei até com a minha avó. Minha tia de segundo grau, se na família da minha bisavó tinha pessoas assim e ela falou que não. Então é uma coisa que veio de mim mesmo, tipo, eu nasci com isso, porque meus irmãos não são assim. Minha família também não tem Nanismo. Então só eu que vim assim. Hoje é tipo assim... quando eu era criança, eu sofria muito por causa disso. Não queria ter vindo com... eu não aceitava. Mas hoje eu agradeço muito por isso, porque isso também tem me ajudado bastante, sabe? As coisas... né? Eu acho que, se não fosse isso, eu acho que minha história em relação à música, talvez, eu acho que não existiria, se eu não fosse assim. E hoje eu sou muito grata a Deus por isso.

- Como sua família reagiu à notícia de que você iria fazer piano na UnB?

Tipo assim, eu estava, anteriormente, pensando em fazer outro curso. Meu pai, ele super apoiou. Ele falou “É, eu acho que música é a sua cara mesmo”. Eu estava tentando entrar aqui em outros cursos e ele falava que não combinava comigo, o curso que eu queria, sabe? Ele falou: “É, Música parece contigo, porque, tipo, sempre quando você... desde criança você toca. Você tem dom pra isso, então segue em frente”. Eles apoiaram, sabe? Até na época, quando eu era criança e queria tocar, meu pai apoiava. Meu pai, tipo assim, ele gosta da Música também. Ele, tipo assim, sempre quando vê eu tocando, ouve eu tocando umas peças novas, ele gosta de ouvir, sabe? Ou hino... essas coisas que eu toco no piano, meu pai, assim, sempre foi o que mais apoiou. Minha mãe sempre apoiou, mas minha mãe sempre teve medo d’eu enfrentar alguma dificuldade, entendeu? E ficar frustrada depois. Aí ela me deixava, tipo... numa forma... não sei como eu diria. Não sei seria, seria proteção. Mas meu pai, não: “Vai atrás”. Nisso eu tive o apoio deles, da minha família.

## PARTE 2

- Como tem sido o mundo acadêmico para você?

Quando eu entrei aqui, tipo assim, eu senti uma dificuldade em relação a conseguir ter aulas de piano. Por quê? Porque, tipo assim, como eu sou da licenciatura, assim, lá tem poucos professores e os professores preferem ir para o bacharelado, porque é obrigatório para eles. É uma disciplina obrigatória. Eu sentir uma dificuldade, porque eu entrei com foco em querer ter aula, também, assim. De querer tocar. Só que eu não encontrava isso. A partir do segundo semestre eu comecei a ter aula com a professora. Fiquei três semestres com ela. De piano erudito. Daí, nesses três semestres, tipo assim, eu não fiquei mais tendo aula com ela. Depois disso. Daí, a partir disso, eu passei a ter aula com o professor Renato. E, assim, eu vejo uma diferença entre o que eu já sabia, que sempre fui familiarizada com a música clássica, erudita, e o piano popular. Mas o piano popular está sendo, também, pra mim, eu estar tendo acesso, está sendo muito... assim, uma forma de aprendizado. É muito bom, também, porque eu acho que música... você também tem que, tipo assim, buscar abordagem de outras pessoas, também, e de outros tipos, de outros gêneros no piano, também. Porque também é bom tanto pro currículo, quanto pro mercado, quanto aprendizagem, aprendizado.

- E como têm sido ter aulas com o Renato?

Olha, eu comecei no semestre passado e está sendo muito bom ter aula com ele. Ele tem me ensinado bastante sobre música popular, sobre cifragens... E é uma forma, também, de enriquecer também, na música. Enriquecer, que eu falo, é você ter mais conhecimento, que você não sabia antes. Porque com o professor Renato você, tipo assim, cada aula é um aprendizado, o que é muito também. Bom como professor, como pessoa, também. Muito... está sendo muito bom ter aula com ele. Estou gostando.

- E agora você está fazendo Licenciatura, né?

Então, eu sempre fui da Licenciatura e estou fazendo Licenciatura. Só mais para frente que eu vou pegar a dupla habilitação.

- E quando você terminar, você pretende seguir o quê?

Então, quando eu terminar, eu ainda não pensei muito nisso. Mas quando eu terminar, primeiro, o que eu fazer, vai ser um Mestrado e um Doutorado. Agora não sei se... eu queria fazer fora daqui. E, tipo assim, dar aula em conservatório, universidades... é isso.

- Você já tocou pra muita gente?

Olha, eu tenho um pouco de receio de tocar pra muita gente. Eu já toquei, sim, por recitais que tem no Departamento de Música, eu já cheguei a tocar. Mas, geralmente, assim, eu fico meio receosa de tocar. Eu fico com medo, sabe? Eu acho que é normal, isso. Todo pianista sobe no palco, todo músico que sobe no... pro palco pra tocar. Tipo, sente aquela responsabilidade de que você está ali. De que tem pessoas te vendo. De você ter que transmitir, também, para as pessoas as coisas, também, da música, entendeu? A gente sente essa responsabilidade, um pouco.

### RENATO VASCONCELLOS

- O senhor já tinha tido algum aluno com deficiência antes, aqui na UnB?

Eu trabalhei com uma senhora, quando eu dava aula de violão, ainda, antes de entrar pra UnB, e ela era cega. Cega por conta de um diabetes. Foi a primeira experiência que eu tive. Depois, aqui na UnB, a Shirley, que é uma pessoa que tem o nanismo, mas parece que não tem nenhum problema, porque outras pessoas tem a mão pequenininha também, como ela tem, ou mesmo crianças, que aprendem. Mas aí trata-se de uma pessoa adulta, mas isso acaba não constituindo nenhum tipo de problema. Tem uma outra aluna aqui e essa é cega. Aí, sim, é um handicap, assim, considerável. Mas está sendo muito interessante essas duas. Cada uma tem uma limitação diferente. A Shirley, ela é muito pragmática, muito centrada no que está escrito. Já a outra, que não lê, ela lê o Braille, mas leitura em Braille não é uma coisa que você pega, lê e vai tocando. Você analisa, memoriza e faz. Essa é a outra da aluna do PNE, Portadores de Necessidades Especiais. Ela pega tudo de ouvido, né? Completamente diferente da Shirley. Mas é uma experiência muito interessante, porque a gente vê que a limitação que as pessoas veem não são, necessariamente, por conta dessas necessidades especiais. Tem gente que tem mais limitação que a Shirley, por exemplo.

- E, desde que o senhor dá aula para ela, algo mudou? Na sua forma de ensinar, na sua forma de ver as necessidades especiais etc?

Bom, pra mim, acrescentou muito, porque é um desafio, né? Você ver se a pedagogia que você utiliza pode funcionar para uma pessoa com necessidade especial. Mas, como eu disse, a Shirley, ela tem um bracinho pequeno, uma mãozinha pequena, mas ela tem destreza. Ela tem destreza. E aí eu trabalho com ela essa questão de... do pensamento musical. Não é só a questão da desenvoltura técnica, manual, mas também do raciocínio, da aplicação do que a gente aprende na teoria para a prática.

- O senhor poderia falar um pouco sobre o adaptador? Qual a importância dessa acessibilidade?

A Shirley não pode nem ficar sentada no banco com as pernas fora do chão, que acaba tendo problema circulatório pra ela. Então, essa bancada, além de permitir que ela pressione o pedal, também deixa o pezinho dela apoiado ali, né? Agora, esse adaptador não foi inventado pelo Rogério, não, tá? Esse adaptador, outros... até para crianças, muito pequeninhas, quando vão tocar o piano, usam esse adaptador. O pedal, ele está a 4 dedos do chão e, aqui ficou quase um palmo e meio, né? Então diminui a distância do joelho da pessoa que está sentada, até o chão. E, sem dúvida, o Rogério, da Casa do Piano, ele é um grande luthier de piano e ele tem feito muita coisa pela Shirley. Esse pedal, ele doou pra ela. Ele doou outros pedais para nós e, quando ela chegou aqui, ele nos doou isso exclusivamente para uso com a Shirley, né? E o piano que ele fez pra ela também é uma coisa maravilhosa. É um piano de cauda que ele pegou as pernas e botou as pernas um negocinho desse tamanho. Ela toca como se o piano tivesse quase no chão, né? Porque o piano, ele tem essas pernas de, o que, um metro, um metro e vinte, né? Quase a altura dela, né? Então esse adaptador realmente propicia a ela que ela toque. Não sendo assim, ela não poderia... não poderia, não poderia. Tocar o piano, com as possibilidades do piano. Poderia tocar sem usar o pedal, mas, como eu falei, também não é legal ela ficar sentada num banco com as pernas pra cima, porque pode dar algum problema circulatório.



<b>ROGÉRIO RESENDE</b>
------------------------

- Rogério, você poderia falar um pouco sobre o piano que a Shirley ganhou?

Eu preciso contar, em primeiro lugar, agradeço muitíssimo esse convite. Mas eu preciso contar desde o início. Talvez demore alguns segundos. Como aconteceu: a Shirley nos procurou, imaginando que nós poderíamos ajudá-la no sentido da acessibilidade e, especialmente nos pedais, ao piano. Muito bem. Ela veio até a nossa oficina, que daqui a pouquinho nós vamos conhecer, e demonstrou a sua necessidade. E nós vimos ali uma oportunidade de demonstrar o nosso trabalho, e ajudá-la. Cooperar na situação que ela precisava. Portanto nós pegamos um dos nossos pianos de cauda, que nós temos um acervo aqui considerável, e resolvemos, decidimos, retirar os pés originais, porque ela não conseguia acessar o teclado com conforto, e fabricar três pés para que o piano ficasse na altura dela, e isso foi, mais ou menos, 20cm menos, menor, né? E também fabricar uma pedaleira especial, assim como um adaptador que nós compramos de fora do país, me parece que foi do Canadá, e fabricamos dois bancos especiais: um para que ela pudesse tocar um piano convencional, com altura convencional, padrão, e outro especial para ela. No qual nós colocamos, inclusive acho que vocês perceberam, o nome no piano, que ela ficou muito feliz, e nós mais ainda. Portanto esse processo eu posso explicar através deste piano aqui. Esse é um piano padrão, de altura padrão, em que a maioria dos pianistas podem tocar, e o banco, apesar de essa movimentação de regulagem um pouco mais baixa e um pouco mais alto, pra ela não há a mínima chance dela poder executar. E nós começamos por aí. Fizemos as medições necessárias e fomos ao trabalho. E acho que o resultado foi satisfatório.

- E de onde surgiu a ideia de dar um piano para a Shirley?

Em primeiro lugar, na nossa primeira conversa, quando a Shirley aqui esteve, na nossa oficina, eu demonstrei a ela que as pessoas, às vezes, têm uma estatura, 2m10cm, algo assim, jogador de vôlei, basquete, coisas do gênero, e a alguém fabrica uma cama especial para aquela pessoa, ou um mobiliário especial. E por que não fabricar um para alguém que não tem 2m10 e tenha, não sei se o caso dela é 1m48cm, 1m50cm, não sei muito. Mas não importa - por que não se pode fazer um piano sob medida? Essa foi a primeira conversa que nós tivemos. E isso facilitou todo o diálogo e... claro que houve um trâmite aí até que ficasse pronto, e, depois que esse piano ficou pronto... eu preciso dizer, também, como é que esse instrumento que está com a Shirley, que é dela chegou até nós. Este piano foi doado para nós, esse piano de cauda, para o Museu do Piano. E nada mais justo que uma doação que nós recebemos, que seja passada para alguém que vai fazer bom uso dele, como é o caso da Shirley, que acabou sendo para ela um artigo de primeira necessidade. Coisa que não era para nós aqui. Nós temos cerca de 70 pianos, então por que não poderíamos tirar um deles, né, e fazer uma doação com muito carinho. Nessa doação eu preciso também, dizer que não foi só eu. Eu e qualquer outra pessoa não fazemos nada sozinho. Nós precisamos... nós seres-humanos somos como pássaros. Temo que ter duas asas. Nós temos duas asas. E a segunda asa é o nosso próximo. Então eu tenho a minha esposa e a minha filha que me ajuda, que toca a empresa conosco, e nós chegamos à conclusão que o piano, depois de pronto, tinha que ser dela.

- Agora o senhor poderia explicar o processo do adaptador, do início ao fim?

Preciso convidá-los a conhecer a oficina de pianos, porque é aqui onde as ideias chegam e nós começamos trabalhando. [...] Nesta sala aqui, que é onde me permito convidá-los a chegar, é onde trabalhamos a parte interna do piano. A mecânica. O funcionamento. [...]

## PARTE 2

Convido vocês a visitarem, a conhecerem mais uma sala de trabalho. Por favor. Nesta sala aqui nós regulamos os pianos de cauda. Aqui nós temos um simulador, como se fossem as cordas do piano. Portanto a gente coloca

nessa mesa e vai fazendo as regulagens necessárias. Aqui também estão demonstrados os 2 tipos de pianos principais. Neste caso o piano de cauda, onde as cordas estão dispostas na horizontal e isso aqui seria a corda do piano, portanto o martelo bate de baixo para cima. E aqui é uma curiosidade: esse mecanismo, que seria a mesma coisa desse aqui, é de 1773. Vejam a forma rudimentar como isso tudo começou e a sofisticação que os pianistas têm à disposição nos dias de hoje. Quando falo nos dias de hoje, estou me referindo de 1950 para cá. Este aqui é um outro tipo, convencional, padrão, que é um piano vertical. As cordas estão dispostas de forma vertical. Vejam como é que é o acionamento. Este instrumento teria 8 mil peças e um cauda, 12 mil partes. Agora os convido a conhecer a parte principal, eu digo e chamo, que é a marcenaria. Onde a gente começa a desmontar a caixa do piano e também fabrica, no caso que nós estamos tratando aqui, dos adaptadores, dos pés do piano, da pedaleira e tudo mais. Vamos lá?

### PARTE 3

Muito bem, agora eu vou demonstrar pra vocês, é, isso aqui é uma pedaleira convencional. Padrão, de um outro piano que, obviamente, não é o piano da Shirley. Então ele tem uma altura específica padrão. O dela foram 20cm menos, então é como se fosse readaptada. No caso do banco do banco, da banquetta, que a gente chama, também é a mesma coisa. Foi muito mais fácil, porque apenas tivemos que retirar 20cm deste banco aqui. Nesta área é onde estão as máquinas pesadas que fazem esse trabalho. Todo esse trabalho de restauração, de adaptação, de readaptação de peças ou partes do piano são feitas aqui nesta área. Temos, inclusive, uma máquina que chama a atenção das pessoas até hoje, embora ela já esteja conosco por cerca de 2 anos, uma máquina que é, na verdade, um robô. Que transporta os pianos de causa e, também, pianos verticais. O piano da Shirley chegou à casa dela nessa máquina aqui subindo escadas - coisa que até uns anos atrás era basicamente impossível. Antes transportavam pianos carregando: 8 homens, 10 homens. Inclusive era uma coisa muito conhecida, como uma piada, né? Quando algo é muito difícil, a gente costuma chamar de carregador de piano. Hoje em dia isso virou apenas uma retórica engraçada, porque a máquina faz o trabalho de transportar o piano. Não só de movê-lo, mas, também, de transportá-lo, subindo escadas. Eu vou demonstrar rapidamente como isso é feito.

### PARTE 4

Bom, vamos falar sobre... especificamente sobre a matéria que saiu no jornal sobre o nosso trabalho e a Shirley. Nós temos aqui um depoimento dela que me chamou muito a atenção nesta matéria. Eu me permito ler. “ A universidade e a Sociedade deveriam ser mais preparadas para receber pessoas com Acondroplasia. É possível adaptar um instrumento. É possível adaptar qualquer instrumento. Não há dificuldade quando há boa vontade.” Então isto, para mim, foi muito importante ler esse depoimento porque a gente toca a nossa vida tendo esse olhar humano. Nós trabalhamos com um instrumento musical. Tudo bem. Já é, particularmente, importante e é um instrumento que é possível a pessoa viajar sonhando. Viajar na sua vida. No seu interior com o instrumento musical. É uma pequena fábrica de sonhos. Mas a gente lida com seres humanos, então precisa ficar atento a isso tudo. Por isso nós recebemos essas demandas como uns desafios, obviamente, que são, quase sempre, mas com muita alegria e com muito carinho. Porque o resultado quase sempre é esse. Todo mundo fica feliz. E eu posso dizer que nós ficamos muito mais felizes, talvez, do que ela. Porque o resultado que aqui está é maravilhoso.

**SÁVIO LOBATO**

- Então, Sávio, você poderia começar se apresentando, por favor?

Bem, meu nome é Sávio Lobato, eu tenho 22 anos. Nasci no estado do Piauí. Vim pra Brasília com 9 meses de idade para fazer o tratamento oftalmológico, né? Quando os meus pais descobriram que eu tinha esse problema

visual, eles já começaram a procurar meios melhores, mais acessíveis para estar fazendo o tratamento, né? Ir à capital... Por eu ter alguns parentes aqui, foi uma das...um dos lugares melhores para estar fazendo isso.

- Em relação à sua perda de visão, você poderia explicar um pouco mais?

Isso, nasci com Glaucoma Congênito, né? Atingindo os dois olhos. Como é uma doença que é instável, né, eu fui perdendo com o tempo, né? Então eu enxergava de uns 5% a 10%, mais ou menos. Eu enxergava claridade. Eu enxergava as cores, as silhuetas das coisas, das pessoas, mas não via com muito detalhe. Então era só mais uma questão de apoio mesmo, a visão. Eu não utilizava ela como alguma coisa para ler, para escrever. Tanto é que eu fui alfabetizado em Braille, já de cara.

- E em relação à música, como surgiu esse interesse?

Eu ganhei um violão do meu tio, né? Que morava no Piauí também. Eu já estava em Brasília e ele mandou um violão para mim. Aí, inicialmente, o violão ficou uns dois, três anos, parado. Depois eu tive o interesse de pegar, aprender, ver como é que funcionava e foi até hoje. Eu comecei a aprender mais sozinho. Pela internet, muita coisa pela internet me auxiliava porque eu mexia bastante no computador. Daí foi rolando, assim, um desejo de aprender mais é, né, foi surgindo todos esses interesses.

- Você tem interesse pelo violão mais porque o seu tio te deu? Você tem preferência por algum instrumento além do violão? Qual a sua relação com os instrumentos?

Foi o primeiro que eu tive contato, por isso que rolou mais essa questão de ser violão, inicialmente. Então como meu tio me deu esse violão, eu acabei tendo interesse mais pelas cordas e cheguei a tocar um pouquinho de guitarra, mas nada assim, de muita coisa. Tive algumas aulas de baixo também. Mas foi isso, ainda estou explorando esse mundo ainda.

- E como você se sente quando você toca?

Me sinto muito bem, muito feliz. Eu acho que é uma coisa assim que, que pra mim, eu acredito na música como uma forma de terapia. Até, futuramente, eu pretendo cursar algum curso que me possibilite estar trabalhando isso, né, esse meu objetivo de provar e mostrar para as pessoas que a música é uma forma de terapia.

- E qual o estilo/artista que você mais gosta de tocar?

Ah, eu sou... eu gosto mais de MPB, Samba, Bossa Nova mais, música brasileira de qualidade, que houve. Que mais me atraiu. Que mais me encantou, desde o início. E o artista mesmo que eu me inspiro, que eu gosto bastante, que toco muita coisa, assim, é o Djavan. É um ídolo, assim, pra mim.

- Então desde que você aprendeu a tocar violão, você toca Djavan?

Eu comecei bastante me esforçando porque ele tem umas harmonias complicadas, uns ritmos, assim, umas melodias muito complicadas. E já foi os primeiros desafios que eu já fui enfrentando, já, aprender Djavan, porque me dava gosto de tocar as melodias dele, as letras das músicas que ele fazia e faz até hoje, né?

- Você teve contato com a musicografia em Braille?

Hoje eu leio partitura. Não com uma certa fluência, até porque eu... a produção da partitura é um pouco mais complicada. É um sistema mais diferente, em termos de comparação à música mesmo. Existe a pauta musical,

na musicografia Braille não existe. Então questão de clave, então essas questões mais técnicas, assim, é bem diferente na Musicografia Braille. Então para que eu possa estar lendo a partitura, tem que ser confeccionada. A parte da confecção que é um pouco mais complicada. Ou eu escrevo, ou tento encontrar livros que me possibilitem estar tendo acesso, né? Mas até os livros, mesmo, são um pouco mais escassos.

- Para você, qual a importância da acessibilidade para a pessoa com deficiência na música?

Ah, eu acho essencial esse acesso, né? Porque é nossa forma de registro. É a nossa forma, também, de estar tentando escrever, passar para o papel as nossas melodias, nossa música. Até porque, como o sistema é um pouco diferente do Braille pra escrita em tinta, que a gente chama, nós temos esse sistema, eu acho que é super importante de ser valorizado, né? De a gente estar divulgando isso para que mais pessoas, deficientes visuais, se interessem e mantenham isso, né? Porque é uma coisa muito desconhecida. Então, para que pessoas que não enxerguem, também, possam aprender para que possam estar ajudando na transcrição de partituras que não são em Braille, para as que são em Braille, que é um trabalho que a professora Andreia vem desenvolvendo. Ela passa o que está ali, visualmente disponível, informações pra gente, pro Braille. E a gente vai tendo esse acesso, né? Vai tocado na música. Pra mim a leitura da Musicografia Braille é você tocar na música. Você sentir, ali, onde estão disponíveis as notas e tudo. É fantástico.

- Como você terminou tocando para o Sabin?

Eu estava num domingo, assim, em casa, pegando uma música qualquer, estudando os meus instrumentos, e tudo. Até que meu professor que eu já tive na Escola de Música, o professor João Marinho, ele perguntou para mim se eu tinha interesse em trabalhar. E quando ele falou em trabalhar, eu pensei que era um freelancer em algum barzinho, alguma festa, assim, coisa qualquer de música que vai surgindo. Daí ele me informou que um ex-aluno dele estava precisando de um PcD, né, Pessoa com Deficiência, pra trabalhar no Sabin. Daí ele me passou o contato, eu entrei em contato com meu chefe atual, que é o Alan e a gente foi conversando. Ele me explicou como que era o trabalho, que é tocar e cantar por três horas por dia para os clientes. E, como eu já tinha esse perfil de tocar e cantar, já tinha me apresentado antes e já tinha uma vivência com isso, ele me chamou para o processo seletivo. E fiz todas as fases e etapas [ruído] e, felizmente, fui aprovado.

- Como é a preparação para essas três horas que você toca por dia?

Eu começo pela manhã, né? Das 7h às 10h40 da manhã. Aí tem uma meia hora de intervalo, né? E aquela fase, assim: acorda pela manhã. Já faço ali um aquecimento [ruído] na voz para criar uma carga bem excessiva, vocalmente falando. Vou lá, fico nas recepções das unidades, tocando para o pessoal ali.

- E você toca sempre MPB?

Como o público é sempre variado, então, assim, tem sempre desde crianças, de bebês recém-nascidos, até senhor de 80 e tantos anos, né? Então eu tento variar um pouquinho de cada coisa, assim, tento por um pouco de música infantil, galinha pintadinha, mundo bita, músicas até de novelas infantis também, desde, até, músicas dos anos 40, 50. Então a gente tenta atingir um pouco de cada faixa etária nas músicas.

- Então foi um professor que te chamou para o processo seletivo para trabalhar lá, certo?

Isso, ele me pôs em contato com um ex-aluno dele que estava nesse processo.

- Então, para você, qual a importância dessa oportunidade, desse reconhecimento?

Ah, eu acho que é fundamental esse espaço que eles forneceram para pessoas com deficiência na equipe de música, por conta que coloca a gente em destaque ali, né? Então, quando você chega na unidade, além de ter os guichês, você pegar a senha ali e aguardar nas cadeiras, existe uma música ambiente. E as pessoas, na maioria das vezes, ficam curiosas para saber. Então você para, você olha e, ao você estar sendo assistido, porque, ao mesmo tempo, é uma vitrine, você está vendendo o seu trabalho, né, está mostrando o que você sabe, as pessoas percebem que você tem uma necessidade, e muitas me param ali no trabalho, me parabenizam, e ficam, eu acho que duas vezes mais surpresos por 1) ter música - o que já é bem diferente em um laboratório de exames clínicos e 2) ter músico, mas o músico sendo deficiente, né, umas pessoas com deficiência. Então eu acho que é bem impactante, isso, e as pessoas espalham. As pessoas conversam entre si e vai mostrando que, com a gente trabalhando ali, pessoas vão conversando e as pessoas vão vendo a nossa capacidade, também, dentro das nossas limitações. Então eu acho que isso é bem bacana.

- E com quem você mora?

Aqui eu moro com a minha madrinha. Minha mãe e meu pai, eles moram no Valparaíso. [ruído] E minha irmã mora também por lá. E trabalha, também, em outra área, na área de saúde.

- Como seus pais reagiram quando você deu a notícia de que ia trabalhar no Sabin?

Inicialmente a minha mãe não aceitou bastante, assim, não aceitou muito, por conta que queriam que eu fizesse faculdade antes. Tivesse uma formação antes. Eu terminei o Ensino Médio em 2016, daí em 2017 surgiu o emprego, aí eu falei “ah, já faço, já fazia isso, o que eu vou fazer no meu trabalho, é só fazer o que eu gosto mesmo”. Porque a minha intenção não é ganhar rios de dinheiro, nem ter muita fama, só fazer o que eu gosto de ter o meu retorno ali para que eu sobreviva, né? Viva com alguma tranquilidade. Então, inicialmente, teve muita má resistência, assim, mas hoje ela sabe do que eu faço, já viu o que eu faço e apoia.

- E seu pai, como que ele reagiu?

Meu pai também, ele... na verdade, ele foi mais tranquilo, em questão a isso, né? Ele já viu que era um emprego, né, que já tinha toda a estabilidade. Tinham os benefícios da empresa, de tudo, e ele me apoiou nessa parte também.

- E em relação à Escola de Música, como foi o apoio deles? Você ainda está lá, no caso?

Ainda estou. Estou terminando o curso básico, já.

- E como foi para eles? Lá é com sorteio, né? Como funciona lá?

Para alguns cursos existem sorteio, mas a maioria é com teste prático.

- Você fez o teste?

Eu fiz o teste. Passei e entrei em 2016 e estou até agora, então são 3 aninhos e meio.

- Em relação à gravação no estúdio, você tem já em mente o que que você pretende tocar? O que você levaria para lá, qual música?

Ah, provavelmente alguma do meu ídolo mesmo, que eu gosto de várias, assim, mas eu acho que é um pouco da nossa música brasileira, né? Que ultimamente está muito mais comercial e está tendo esse esquecimento de grandes doutores na área da música brasileira, então acho que pretendo evidenciar isso.

- Você poderia falar sobre as atividades que você faz que são relacionadas à música?

Sim, no Sabin eu fiz esse trabalho mesmo, mais formal, né? De tocar e cantar para os clientes. Para acabar sendo, ali, uma distração e uma cortesia da empresa mesmo. E, atrelado a isso, meu chefe, que é meu supervisor atual, ele tem esse projeto que ele já tem há 10 anos, né? E eu estou entrando também aí para somar. A gente toca nas casas de apoio ao idoso, nas casas maternas infantis, hospitais também. Então a gente tem um trabalho aqui bem grande em Brasília, né? Tem 10 anos que estamos aqui. Não só em Brasília - nós já atingimos 21 capitais brasileiras, né? Com o projeto. Então estamos aí em busca para alcançar a todas. E atualmente a gente faz os trabalhos em hospitais, no HUB, Hospital Universitário de Brasília, no HMIB também e no Hospital de Base. E no Hospital da Criança também, a gente faz esse trabalho lá. É uma forma, assim, de remédio mesmo. É uma coisa mais recreativa, mas com uma pitada ali de terapêutica.

- Em resumo, o que o Remédio Musical faz?

Ele usa a música como remédio, assim, na vida das pessoas, né? Por conta que a gente toca em salas de quimioterapia, hemodiálises, quimioterapia infantil, na área de hemodiálise infantil. Então a gente tenta trazer para esses ambientes um pouco mais de esperança, de paz, de uma lembrança boa que a música pode trazer para as pessoas e para as crianças, também, às vezes. Quando a gente vai em hospitais infantis, a gente toca Galinha Pintadinha. A gente vai, às vezes, caracterizado, leva instrumentos diferentes, instrumentistas diferentes para mostrar, ali, um pouco da música. E com isso tem a... acontece vários resgates, assim. As pessoas acabam se sentindo muito tocadas e alegres naquele dia, ali, naquelas 3 ou 4 horas que elas vão fazer quimioterapia, e rola essa troca, assim. Uma doação que a gente vai lá para doar nosso tempo, mas que a gente tem um retorno muito grande, assim, das pessoas, bem positivo.

<b>ALAN CRUZ</b>
------------------

- O que é o Remédio Musical?

O Remédio Musical é um projeto social que usa a música como remédio na vida das pessoas. O projeto completou, esse ano, 11 anos, né? A gente atua nas salas de quimioterapia, hospitais, casas de apoio aos idosos, creches... e a ideia da gente é usar a música para fazer um momento diferente na vida das pessoas. Então, usar a música como remédio. Tirar a pessoa do estado natural, ou "normal" que ela esteja no momento - sentindo dor, ou sentindo falta da família - e aí a gente entra com a música pra fazer esse momento diferente. Um momento mais alegre, um momento mais feliz. Então o Remédio Musical é um projeto social que a gente leva com muito carinho, muito amor, aí.

- E como o Sávio terminou no Remédio Musical?

Nós temos, mais ou menos, uns três PcDs, a quatro, que participam do projeto, né, do Remédio Musical. E o Sávio... eu conheci o Sávio por indicação de um professor da Escola de Música. Eu já tinha dois PcDs trabalhando na equipe de música do Sabin e a empresa liberou para contratar mais um. Aí eu comecei a procurar os meus amigos e, na época, o Sávio fazia aula com o professor João Marinho, que me indicou o Sávio. E aí foi quando ele entrou no Sabin. E, nesse processo de desenvolvimento dele no Sabin, de repertório e tudo, eu o convidei para

fazer parte do Remédio Musical, também, e aí foi quando ele entrou e começou a tocar lá no HUB, no Hospital Universitário de Brasília.

- E, para você, qual é a importância de um espaço como esse para uma pessoa com deficiência?

Ah, eu acho que é muito importante, porque, assim, dá dignidade, né? Para um PcD. Se a gente pegar, aí, a nossa história, as pessoas olham o PcD muito com aquele olhar de coitadinho, de dar esmola de “ah, nossa, ele... coitadinho, vou dar um dinheiro”. Ele, assim... quando você encontra um PcD, que é o caso do Sávio e todos que trabalham com a gente, por exemplo, que tem um trabalho fixo. Que, além de trabalhar, ter o seu dinheiro todo mês, ali, ainda consegue um tempo para fazer algo pelo próximo num projeto social, eu acredito que é, assim, um grande exemplo pra sociedade. Né? Porque hoje as pessoas reclamam porque não têm trabalho. Hoje as pessoas reclamam porque não conseguem fazer algo pelo próximo. E aí, quando você encontra um PcD que estuda, que trabalha, que faz algo pelo próximo, que é voluntário... aí você fala assim: “Nossa, é possível quando a gente quer”. Então eles, não só na equipe de música do Sabin, mas na equipe do Remédio Musical, eles são grandes exemplos para nós, e eu acho que é muito importante ter pessoas como eles fazendo algo pelo próximo, porque incentiva outras pessoas a pensarem, também, no próximo.

- E, desde que você começou a conviver mais com pessoas com deficiência, o que você aprendeu com elas? O que você aprendeu com o Sávio?

Acho que o principal foi entender assim: “Ok, eu tenho uma dificuldade”, digamos. Que eu acredito que é o que o Sávio vê, né? Ele tem uma dificuldade. Não enxerga. Só que ele não enfatiza essa deficiência dele, né? Ele não fica se fazendo de coitadinho, né? Ele corre atrás. Como eu disse, tipo assim, é muito importante pra mim, porque eu vejo que ele é alguém normal. Diferente é que acha que ele é diferente, né? Especial é quem acha que ele é especial. Então, assim, ele é alguém normal que, simplesmente, tem uma dificuldade de não conseguir enxergar. Quando eu fiz o treinamento com o Sávio e com os outros PcDs, mudou completamente a minha vida e a minha forma de olhar para as pessoas. Né? Porque assim, são coisas que, assim, um buraco, que às vezes você não dá importância, pelo seu olho, mas para um deficiente visual, se alguém não falar pra ele, ou se ele não usar bengala, ele vai cair naquele buraco. Então foi muito especial, assim, conviver com o Sávio, porque eu comecei a dar valor nas pequenas coisas e comecei a entender que as minhas deficiências, elas não são para serem enfatizadas pela minha pessoa. E sim para eu conviver, naturalmente, com elas, e enfatizar o que há de bom. Correr atrás e ver o que eu posso fazer para melhorar. E, tipo assim, foi uma experiência ímpar. Eu acredito que todo ser humano teria que ter esse contato com pessoas diferentes, com pessoas especiais. Com PcDs. Porque, com certeza, é um momento de aprendizado, assim, espetacular, na nossa vida.

- E como você descreveria o momento no qual você está ali, no Remédio Musical, tocando com o Sávio?

Olha, o Remédio Musical foi uma vontade própria de querer fazer algo pelo próximo. Aí eu comecei no HUB em 2008 e aí eu comecei a perceber que, além de fazer algo pelo próximo, eu poderia incentivar outras pessoas a fazerem, também, algo pelo próximo, né? Usando a música, que é o que a gente se propõe. E aí começou a entrar pessoas. Até então não tinha contato, assim, tão próximo, com PcDs. E aí, quando eu tive o primeiro contato no Sabin, com PcDs, e ele começaram a ir no Remédio Musical também, eu percebi o quanto as pessoas ficavam encantadas e quanto as pessoas ficavam maravilhadas, ali, em ver alguém com deficiência e tirando um tempinho do seu dia para fazer algo pelo próximo. Então o impacto de um PcD fazendo um trabalho voluntário pra você é muito maior do que o impacto de uma pessoa, entre aspas, normal. Né? Porque, na maioria das vezes, como eu já falei, a gente acha uma desculpa pra tudo, né? “Ah, eu não vou fazer um trabalho voluntário, porque eu sou estudante. Eu não tenho dinheiro, eu vou esperar conseguir um trabalho legal. Ah, eu não vou fazer um trabalho social porque eu já cuido da minha” Só que o que a gente percebe é que, quando você quer - como é o caso dos PcDs - fazer algo pelo próximo, você consegue. Então, os momentos que o Sávio e os outros PcDs estão comigo fazendo um trabalho com o Remédio Musical, fazendo algo pelo próximo, eu percebo que o retorno das pessoas

que estão percebendo são, assim, bem maiores. Porque as pessoas pensam assim “Nossa...”, principalmente as que estão doentes, né, elas pensam assim: “nossa, eu estive sem nenhuma doença durante muito tempo e não fiz algo pra ninguém. E agora, neste momento, eu estou doente e tenho aqui um deficiente visual cantando pra mim de graça”. Isso é um momento de reflexão muito profundo. Né? Porque a pessoa começa a pensar assim: “nossa, será que eu mereço isso?”. Então eu comecei a perceber o quanto que os PcDs, eles tinham, assim, digamos que um apelo social, muito maior do que de uma pessoa que não tenha nenhuma deficiência. Então assim... e pra quem vê, pra quem vê o trabalho sendo realizado por eles, justamente, é aquela coisa que eu falei: joga uma sementinha no coração de alguém. “Nossa, eu preciso fazer algo pelo próximo. Como que o Sávio consegue trabalhar, estudar, né? E ainda pensar no próximo?”. E com todas as dificuldades que a gente sabe que tem, né? Acessibilidade precária no nosso país, não só em Brasília, mas no nosso país. É difícil, porque tem que estar dependendo de muitas coisas, de pegar ônibus, enfim... Em todas as dificuldades que a gente sabe, né? Em todas as condições adversas que a gente sabe mas, para nós, que estamos junto com eles, é, assim, um momento espetacular. E eu cresço todo dia fazendo esse trabalho junto com eles.

#### FAMÍLIA BOING MARINUCCI

- Raquel e Roberto, como é a história da família com a música?

**Raquel:** Bem, eu venho de uma família que a gente cantava o tempo inteiro. E, quando eu e Roberto nos conhecemos, também, a música foi um... uma maneira que nós nos aproximamos - conhecendo as músicas brasileiras, juntos, que o Roberto é estrangeiro, não conhecia. Então, parte do início do nosso namoro tem a ver com um mostrar pro outro a música. E, desde que a gente engravidou do Francisco, a música sempre fez parte do nosso universo. Então, até na primeira semana de vida do Francisco, ele teve que voltar para o hospital para fazer um tratamento de icterícia. E aí precisava colher sangue, não conseguiam colher, aí nós cantamos, né, todas as músicas que a gente conheciam, de criança, que a gente tinha ouvido. E, num determinado momento, um dos médicos falou. Como é que ele disse? Que não sabia se a gente podia trabalhar com música pra criança porque nunca tinha ouvido alguém cantar tanto, né? Que a gente não precisava se preocupar, que ele estava bem, que a música iria acalmá-lo e, desde aí, a música sempre foi um instrumento de relação com ele.

- Qual a importância da música, para vocês, na vida? Quando vocês souberam que estava vindo uma criança com autismo?

Assim, autismo não é uma coisa que a gente vê e que sabe antes, né? A gente só teve o diagnóstico de autismo quando o Francisco já tinha perto de 3 anos. E naquele momento ele já... na verdade conversava muito pouco. Não conseguia estabelecer uma conversa e o modo que ele se comunicava com a gente a gente era com a música. A gente também. Às vezes a maneira de falar com ele, as coisas que a gente tinha que fazer, a gente transformava em música. Uma melodia com a letra do que ele tinha que fazer.

**Roberto:** A gente percebeu, desde quando ele era pequenininho, ele tinha habilidades na questão musical. E, como falou a Raquel, a gente ouvia muita música, tanto italiana, quanto brasileira. E o Francisco começou a cantar e, nesse sentido, a gente valorizou, sempre, muito essa questão musical com ele. Nós temos vídeo dele criança, já cantando várias músicas. E só ao redor dos 3 anos que nós tivemos um diagnóstico sobre a questão do autismo. E, a partir daquele momento, a gente até incentivou ainda mais, porque vimos que ele tinha dificuldade em outras formas de comunicação. E a música parecia, realmente, um tipo de comunicação que ele gostava muito. Nesse sentido, incentivamos muito.

- E, Clara, como é a sua relação com a música? Tendo essa família musical, como você se sente quando você canta, toca com a sua família?



**Clara:** Então, eu acho que é legal. Que a gente unir a nossa família ainda mais.

**Raquel:** Clarinha já fez uma música, né, filha?

- Francisco, como você se sente quando você canta, quando você toca com o seu pai?

**Francisco:** Eu sinto que eu gosto muito de cantar música. Gosto. Gosto de tocar. Gosto. Acho que... gosto de música italiana e brasileira. E em inglês também. E eu gosto de jornalista. Gosto.

**Raquel:** Que música que você mais gosta de tocar atualmente? Que tem que escutar todo dia?

**Francisco:** To gostando de Michel Teló agora. Gosto.

**Raquel:** Qual música do Michel Teló?

**Francisco:** Desafio.

**Raquel:** Como que é?

(Francisco canta a música)

**Raquel:** E essa música, pode cantar no carro do pai?

**Francisco:** Não, não.

**Raquel:** Só no carro da mãe, né?

**Francisco:** É

**Roberto:** Você ouve música onde, filho?

**Francisco:** No carro... da mamãe.

**Roberto:** Isso, e depois, quando você vai no computador, no celular, você ouve onde?

**Francisco:** No Youtube.

**Raquel:** Aí tem músicas que podem escutar no carro da mãe e outras que podem escutar no carro do pai. Né? Porque nem tudo a mãe gosta e nem tudo o pai gosta.

- E, no caso, vocês dois gostam de tocar e cantar juntos, também?

**Clara:** Sim.

**Francisco:** Sim... sim.

**Raquel:** O que que vocês cantam juntos?

**Francisco:** E canto o quê? Que música?

**Roberto:** É que em cada época tem uma música preferida.

**Raquel:** É, já passamos por várias...

**Roberto:** Tem várias ondas. Então, de repente, ele ouve uma música nova. Quer dizer, nova pra ele. Tem música muito velha, mas ele fica muito ligado naquela música, então ele fica ouvindo o mês inteiro, sempre, aquela música.

**Raquel:** Já tivemos fase Capital Inicial, né? Já tivemos fase Adele.

**Francisco:** Victor e Léo

**Raquel:** Agora estamos numa fase Giovanotti, que é um cantor italiano.

**Roberto:** A Clarinha tem outros gostos.

**Raquel:** A Clarinha gosta muito de...

**Clara:** Bossa Nova.

**Raquel:** Bossa nova e Chico Buarque. As do Chico Buarque que o Francisco gosta, ele canta junto. (Virando para o Francisco). Qual é uma que você gosta muito do Chico?

(Família canta)

- Então todos vocês gostam de cantar e o senhor, Roberto, toca violão?

**Roberto:** É, mais ou menos (risos).

- E como vocês perceberam essa inclinação para a música? Como ele terminou fazendo aulas de canto an BSB Musical?

**Raquel:** Assim, na verdade, a gente começou a fazer uma opção de investir, de fato, no que ele ficava mais feliz, né? E, embora a gente sempre cantasse em casa e o Roberto toca com ele, mas, principalmente quando ele começou a mudar a voz, ele ainda tá em processo de mudança, e a gente achou que seria bom ele ter algum tipo de técnica mesmo, né? Então ele começou com aulinha de teclado, mas o teclado mexe muito com coordenação que ele tem muita dificuldade. Então ele tinha um timbre de voz completamente diferente. Estava superagudo. Agora ele está... fica oscilando, né, oitavando. E, nisso, o professor dele, Geovane, tem ajudado bastante. Então a aula acaba sendo um momento bem de treino e, aí, lá tem outro espaço para além do que ele faz aqui com a gente. Aí lá o professor deixa ele escolher as músicas que ele curte, também. Mistura um pouco de técnica, mas sempre a partir do que ele gosta, né?

**Roberto:** Agora, é interessante que, enfim, a gente põe pra ele ouvir uma nova música. Dependendo dos nossos gostos. Nossos gostos estão muito ligados também. A letra, por exemplo, a letra de uma música. Só que ele não curte muito porque às vezes tem dificuldades de entender. Nossa música está ligada, também, a momentos históricos da nossa vida. Então aquela música que eu ouvia... esse é um outro elemento que ele não curte, claramente. Então a gente, às vezes, propõe algumas músicas e ele, a gente percebe que ele não aceita. Pois tem aquela música que a gente acha muito ruinzinha, assim, e ele se amarra naquela música, enfim... ele tem uma autonomia, vamos dizer. A gente tentar impor algum estilo musical, uma visão e ele tem uma autonomia de decidir as músicas que, geralmente, que cantar. Quais gosta e cantar e quais não.

**Raquel:** É engraçado que teve uma propaganda. Às vezes, assim, é de propaganda, ou escuta um trequinho.

**Francisco:** De Shopping.

**Raquel:** É, às vezes um trequinho e propaganda de shopping, ele fica vidrado em shopping.... Então às vezes escuta um trequinho e a gente tem que ir atrás da música, né? Antigamente isso era muito difícil, porque o Youtube começando, a gente quase... tinha muita dificuldade de achar. Hoje em dia, cantou duas sílabas e a gente já acha. Aí teve uma música que estava em uma propaganda. Era italiana. E era uma música dos anos 60, né? Que tinha feito sucesso na Itália e que a nonna, a avó do Francisco na Itália, conhece. Foi muito engraçado, porque aí, na Itália ninguém... “Como é que esse menino conhece essa música que foi dos anos 60. Com é que era, Francisco?”

(Francisco canta)

**Raquel:** Às vezes ele descobre música assim... que aí, depois, entra no repertório dele, né? A Clara tem uns repertórios... que a Clara se importa mais com a letra do que com a música e às vezes a gente dá uma maneirada no carro, né, Clarinha?

**Clara:** O Francisco tem um playlist dele no meu celular. E tem mais músicas na playlist dele do que na minha. Oito horas!

**Raquel:** E na playlist da mãe nem olhamos, né? Tem umas 13 horas. Que ele foi acrescentando. Né, Francisco?

- Ele que montou essa playlist?

**Clara:** É, eu ensinei ele a colocar as músicas.

**Raquel:** E daí ele vai acrescentando. Essa semana eu acho que ele acrescentou umas 50. Aí entrou uma outra música aí, italiano, que ele, acrescentou todas do Giovanotti, né, Filho?

**Francisco:** É, sei.

**Raquel:** Que é um canto bem legal, né, Filho?

**Francisco:** É, sei.

- Como você se sentiu quando se apresentou na escola, Francisco?

**Francisco:** Achei legal. Achei que... achei legal que os alunos... tinham muitas pessoas cantando junto. Cantei no palco. Com violão.

**Raquel:** E aí as crianças cantavam junto?

**Francisco:** Cantavam, sim.

- O professor Geovane falou que ele gosta muito de microfone.

**Raquel:** Gosta!

- E como você fica quando você está com o microfone na mão para cantar?

**Raquel:** Você imita quem?

**Francisco:** É o Dinho Ouro Preto.

**Raquel:** Por que você gostava muito do Capital Inicial, né? Aí o Dinho faz assim e você faz assim também?

**Francisco:** E, sei.

**Roberto:** Mas é assustador como ele se sente à vontade no palco. Teve algumas situações. Teve quando ele tinha... quando você tocou São Francisco, quantos anos ele tinha?

**Raquel:** Quando foi que você tocou com o tio Maga?

**Francisco:** Foi em 2013.

**Raquel:** Então tinha 10 anos. Ainda tinha a voz bem agudinha, né?

**Roberto:** Desde aquela época, foi num palco, num show mesmo, ele foi lá em cima, cantou tranquilo. A gente tinha medo que ele entrasse um pouco em pânico por causa da luz. Do barulho.

**Raquel:** E de costas pro público, né?

**Roberto:** E ele tem problema com barulho muito alto, mas ele cantou direitinho. E depois tivemos outros casos. Outras situações lá onde ele faz escola e música. Ontem mesmo, em uma festa no colégio da Clara, ele também subiu num palco e cantou, mas ele está muito à vontade. Parece o mundo dele mesmo.

- Vocês notaram alguma diferença no comportamento, na relação do Francisco com vocês depois que ele começou a aprender música?

**Raquel:** eu vejo que ele está muito feliz. Quando a gente grava ele, ele registra no celular e ele tem mandado para os contatos no whatsapp e as pessoas interagem com ele e falam “Nossa, você cantou lindo”. E ele responde “Sim, eu canto muito lindo”. Né, mano? Os corações vermelhos batendo, tum tum tum, que são legais, né? Você manda pra todo mundo, né, filho? As pessoas respondem, então eu acho que isso ajuda ele a interagir, né?

**Roberto:** É, e acho que isso ajudou muito ele na autoconfiança dele. Porque, enfim, pela síndrome que ele tem, enfim, aos olhos as outras pessoas, tem um estereótipo, assim, do menino que não dá conta de fazer o que uma criança da idade dele deveria. Agora o fato dele ter um palco, cantar de um jeito que poucas pessoas, crianças, conseguiriam, acho que dá uma autoconfiança pra ele. Fortalece muito a autoestima. A gente trabalhou muito nisso. Valorizando essa habilidade dele, que ele é muito craque, que ele sabe fazer. Pra mostrar que ele também tem seus dons, suas qualidades. Como qualquer outra pessoa.

(Família canta a música de Natal)

**GEOVANE OLIVEIRA**

- Então, Geovane, você dá aula para o Francisco há um ano, certo?

Mais ou menos um ano. Na verdade, acho que vai fazer... vai fazer dois anos que eu estou com ele.

- E, então, nesses dois anos, você percebeu algum tipo de evolução nele, tanto no sentido musical, quanto no sentido social - em que você pode perceber?

O que eu percebo no Francisco é que, principalmente na relação da percepção dele, ele deu uma evoluída bem grande, assim. A gente entende que a música, ela é percepção. A gente trabalha com percepção, né? E, pra quem é cantor, é essencial que a pessoa desenvolva o ouvido. Então, assim, uma coisa que eu fiquei muito impressionado nesse processo do Francisco, na construção vocal dele, foi justamente a afinação que ele tem, né? A afinação é uma coisa muito difícil para algumas pessoas. Algumas pessoas não conseguem adquirir essa afinação e levam muito tempo. Não que seja impossível, mas para ele é uma coisa muito... simples. Então, assim, toda vez que ele percebe que ele está desafinado, ele já “opa, eu desafinei”. E aí ele tentar refazer. E isso eu achei muito bonito da parte dele. E quanto à evolução, assim, ele está num processo de amadurecimento vocal, né? Ele é uma criança, ainda, de 12, 13 anos, se não me engano e esse período é uma fase muito difícil, vocalmente falando, né? Porque é uma mudança de voz. Para os meninos é mais complicado ainda. Que eles ficam naquela oscilação, né? E nesses dois anos em que trabalhamos juntos, eu percebo que ele tem tido essa evolução justamente porque a oscilação da voz dele, obviamente está saindo naturalmente, mas ele consegue diferenciar. Isso é que é o legal, ele consegue diferenciar os sons graves dos agudos e, quando ele percebe que está oscilando novamente a voz, ele “opa, vamos voltar aqui, porque não está certo essa parte”. Então ele tenta resolver com a percepção que ele tem. Ele já entende a voz que ele tem, e isso tem ajudado muito no desenvolvimento vocal, tanto no repertório, quanto na presença de palco. Ele tem uma ligação muito grande com o palco. Eu vejo que ele gosta muito de cantar e gosta de mostrar que ele sabe cantar. E isso eu acho bem legal, né? Eu fico feliz de ter o Francisco como aluno, justamente porque eu aprendo muito com ele, né? Não é só ensinar o Francisco a cantar, porque ele me ensina, também, como dar aula para ele, porque é um processo diferente dos outros alunos né? A forma como ele aprende é diferente dos outros. Só que ele tem um caminho muito bonito enquanto canta, e eu acho que isso que conta.

[...]

Quando ele olha para o microfone... A primeira coisa quando ele chega em sala de aula é: “tem microfone?”. Porque ele gosta muito de microfone. Então, assim, eu procuro sempre trazer microfone para a sala porque ele se sente confortável cantando com o microfone. Então eu acho isso bem legal. Aí ele vai gravar num estúdio, então eu acho que ele vai ficar muito feliz em ver que ele está gravando num estúdio, né?

### 10.3 Roteiro de edição - Sávio

Cena	Descrição	Arquivos	On/ Off	Fala
1	Sávio começando a tocar Sons de Carrilhões - João Pernambuco.  <u>GC: Sons de Carrilhões / João Pernambuco</u>	MÚSICA MVI_0681 MVI_0682	On	-
2	Sávio tocando. Fala entra em off. Quando a fala finaliza, sobe o som de Sávio tocando.	ENTREVISTA MVI_0678  MÚSICA MVI_0681 MVI_0682	Off	(03:52 - 03:54) [...] eu acredito na música como uma forma de terapia.
3	Sávio tocando.	MÚSICA MVI_0681 MVI_0682	On	-
4	Entrevista Sávio 1, com música seguindo ao fundo.	ENTREVISTA MVI_0678	On	(04:19 - 04:29) Eu gosto mais de MPB, Samba, Bossa Nova. Música brasileira de qualidade, que houve. Que mais me atraiu. Que mais me encantou, desde o início.
5	Sávio tocando.	MÚSICA MVI_0681 MVI_0682	On	
6	Sávio tocando.	ENTREVISTA MVI_0678  MÚSICA MVI_0681 MVI_0682	Off	(03:47 - 03:49) Me sinto muito bem, muito feliz.
7	Abertura.			
8	Entrevista Sávio 1  Intercala com planos-detelhe da entrevista.  <u>GC: Sávio Lobato / Músico</u>	ENTREVISTA MVI_0678		(01:25 - 01:34) [...] Nasci com Glaucoma Congênito, né? Atingindo os dois olhos. Como é uma doença que é instável, né, eu fui perdendo com o tempo, né?
9	Entrevista Sávio 1  Intercala com imagens do Sávio na escola (ainda irei atrás)	ENTREVISTA MVI_0678	On/ Off	(01:46 - 01:57) [...] Então era só mais uma questão de apoio mesmo, a visão. Eu não utilizava ela como alguma coisa para ler, para escrever. Tanto é que eu fui alfabetizado em Braille, já de cara.

<b>10</b>	Sávio tocando Viagem - Alan César Pinheiro.  <u>GC: Viagem - Paulo César Pinheiro</u>	<b>MÚSICA</b> MVI_0685	On	-
<b>11</b>	Entrevista Sávio 1	<b>ENTREVISTA</b> MVI_0678	Off	(02:20 - 02:25 ) Eu ganhei um violão do meu tio, né? Que morava no Piauí também.
<b>12</b>	Entrevista Sávio 1  Alterna com planos-detelhe.	<b>ENTREVISTA</b> MVI_0678	On	(02:38 - 02:52) Eu comecei a aprender mais sozinho. Pela internet, muita coisa pela internet me auxiliava porque eu mexia bastante no computador. Daí foi rolando, assim, um desejo de aprender mais e, né, foi surgindo todos esses interesses.
<b>13</b>	Sávio no quarto falando sobre a relação com o instrumento e de ter marcado o braço de outro violão.	MVI_0683	On	...
<b>14</b>	Entrevista Sávio 1, intercalando com ele tocando.	<b>ENTREVISTA</b> MVI_0678	On/ Off	(08:32 - 08:41) Meu professor que eu já tive na Escola de Música, o professor João Marinho, ele perguntou para mim se eu tinha interesse em trabalhar.  [...] (08:52 - 09:13) ele me informou que um ex-aluno dele estava precisando de um PcD, né, Pessoa com Deficiência, pra trabalhar no Sabin. Daí ele me passou o contato, eu entrei em contato com meu chefe atual, que é o Alan e a gente foi conversando.
<b>15</b>	Entrevista Sávio 1, intercalando com ele tocando.	<b>ENTREVISTA</b> MVI_0678	On/ Off	[...] (14:16 - 14:23) minha intenção não é ganhar rios de dinheiro, nem ter muita fama, só fazer o que eu gosto ter o meu retorno ali para que eu sobreviva, né?
<b>16</b>	<u>Ideia 1:</u> Entrevista Sávio 2  <u>Ideia 2:</u> Imagens de Alan interagindo com os pacientes, com a voz de Sávio em off.	<b>ENTREVISTA</b> MVI_0688	On  Ou Off	(00:45 - 00:57) E, atrelado a isso, meu chefe, que é meu supervisor atual, ele tem esse projeto que ele já tem há 10 anos, né? E eu estou entrando também aí pra somar.
<b>17</b>	Sobe som de Sávio e Alan tocando no Sabin.	<b>MÚSICA</b> ----	On	-

<b>18</b>	Entrevista Alan, com a música rolando no fundo.  <u>GC: Alan Cruz / Musicoterapeuta</u>	ENTREVISTA MVI_1827	On	(00:46 - 00:50) O Remédio Musical é um projeto social que usa a música como remédio na vida das pessoas.
<b>19</b>	Pacientes ouvindo os dois tocarem no HUB.	ENTREVISTA MVI_1827	Off	(01:05 - 01:10) [...] a ideia da gente é usar a música para fazer um momento diferente na vida das pessoas.
<b>20</b>	Entrevista Sávio 2  Alterna com imagens deles tocando no HUB.	ENTREVISTA MVI_0688	On	(00:59 - 01:06) A gente toca nas casas de apoio ao idoso, nas casas maternas infantis, hospitais também.
<b>21</b>	Sávio tocando e cantando no Remédio Musical.	MÚSICA ----	On	-
<b>22</b>	Sávio continua tocando e cantando.	ENTREVISTA MVI_1827	Off	(05:03 - 05:12) Quando eu fiz o treinamento com o Sávio e com os outros PcDs, mudou completamente a minha vida e a minha forma de olhar para as pessoas.  (07:15 - 07:30) [...] eu percebi o quanto as pessoas ficavam encantadas e quanto as pessoas ficavam maravilhadas, ali, em ver alguém com deficiência e tirando um tempinho do seu dia para fazer algo pelo próximo.
<b>23</b>	Entrevista Sávio 2  Alterna com imagens deles tocando no Remédio Musical.	ENTREVISTA MVI_0688	On	(02:21 - 02:33) [...] a gente tenta trazer para esses ambientes um pouco mais de esperança, de paz, de uma lembrança boa que a música pode trazer para as pessoas e para as crianças, também, às vezes.
<b>24</b>	Entrevista Alan, alternada com Sávio tocando no Remédio Musical.	ENTREVISTA MVI_1827	On/ Off	(09:32 - 09:34) E com todas as dificuldades que a gente sabe que tem, né?  (09:55 - 10:06) [...] mas, para nós, que estamos junto com eles, é, assim, um momento espetacular. E eu cresço todo dia fazendo esse trabalho junto com eles
<b>25</b>	Entrevista Sávio 2.	ENTREVISTA MVI_0688	On	(01:45 - 01:52) É uma coisa mais recreativa, mas com uma pitada ali de terapêutica.
<b>26</b>	Pacientes curtindo Sávio e Alan tocando. Se houver	ENTREVISTA MVI_0688	Off	(03:04 - 03:10) A gente vai lá para doar nosso tempo, mas que a gente tem um retorno



	algum plano com palmas, usar aqui. 9932  Acabando com palmas, a música dos créditos fica "A Bailarina - Fábio Lima.			muito grande, assim, das pessoas, bem positivo.
<b>27</b>	Créditos + Agradecimentos + Logo da FAC e Logo da UnB ao final	<b>MÚSICA</b> MVI_0684	-	-

### 10.4 Roteiro de edição - Shirley

Cena	Descrição	Arquivos	On/ Off	Fala
1	Sobe som de Shirley tocando Sonata ao Luar - Beethoven .  <u>GC: Sonata ao Luar - Beethoven</u>  Após um breve tempo, entra fala de Shirley em Off.	<b>SONATA</b> MVI_9748 <b>ENTREVISTA</b> MVI_0663	Off	(08:28 - 08:30) A música, ela sempre foi muito importante na minha vida.  (03:47 - 03:51) Eu sempre fui muito apaixonada por música clássica, música erudita.
2	Entrevista Shirley  <u>GC: Shirley Nunes / Estudante.</u>	MVI_0663 (plano estático)	On	(03:13 - 03:20) É uma forma de... expressividade. Você se expressar através dela. Que, daí, você também se conhece. Quem você é.
3	Entrevista Shirley	MVI_0663 (plano estático)	Off	(04:18 - 04:26) O que você tiver sentindo, se é medo, alguma coisa, alguma forma de angústia, a música, ela também ajuda, é uma forma de terapia, pra vida do músico.
4	Abertura			
5	Entrevista Shirley	MVI_0663 (plano estático)	On	(08:31 - 08:45) Primeiro começou como um hobby, né? Aí depois, começou, tipo assim, eu comecei a estudar, quando eu entrei na UnB e comecei a ter, assim, uma visão de que poderia virar, também, uma profissão no futuro.
6	Intercala com planos- detalhe da entrevista da Shirley.	MVI_0664 (plano estático)	On	(00:51 - 01:09) Como eu sou da licenciatura, assim, lá tem poucos professores e os professores preferem ir para o bacharelado, porque é obrigatório para eles. É uma disciplina obrigatória. Eu sentir uma dificuldade, porque eu entrei com foco em querer ter aula, também, assim. De querer tocar. Só que eu não encontrava isso.
7	Entrevista Shirley	MVI_0664 (plano estático)	On	(1:23 - 1:27) Daí, a partir disso, eu passei a ter aula com o professor Renato.

<b>8</b>	Sobe som com imagens da aula de piano, com Renato e Shirley enquadrados juntos.	<b>FECHADO</b> MVI_1160 MVI_1161  <b>JANELA</b> MVI_9768 MVI_9769 MVI_9774		-
<b>9</b>	Imagens da aula de piano com o som da aula em BG.	MVI_9766	Off	(02:50 - 02:58) Ele tem me ensinado bastante sobre música popular, sobre cifragens... E é uma forma, também, de enriquecer também, na música.
<b>10</b>	Entrevista Renato  <u>GC: Renato Vasconcellos / Professor de Piano</u>	MVI_9779 (plano estático) MVI_0767 (cam na mão)	On	(1:42 - 01: 47) A Shirley, ela é muito pragmática, muito centrada no que está escrito.
<b>11</b>	Imagens das mãos de Shirley tocando na aula de piano.	MVI_1162 MVI_1166 MVI_1169 MVI_9766	Off	[...] (03:06 - 03:23) Ela tem um bracinho pequeno, uma mãozinha pequena, mas ela tem destreza. Ela tem destreza. E aí eu batalho com ela essa questão de... do pensamento musical.
<b>12</b>	Entrevista Renato	MVI_9779 (plano estático) MVI_0767 (cam na mão)	On	(03:25 - 03:36) Não é só a questão da desenvoltura técnica, manual, mas também do raciocínio, da aplicação do que a gente aprende na teoria para a prática.
<b>13</b>	Imagens das pernas Shirley	MVI_9706  <b>ENTREVISTA</b> MVI_9779 (plano estático)	Off	(03:56 - 04:04) A Shirley não pode nem ficar sentada no banco com as pernas fora do chão, que acaba tendo problema circulatório pra ela.
<b>14</b>	Entrevista Shirley	MVI_0663 (plano estático)	On	[...] Eu estava procurando alguma forma de adaptar, ou alguma coisa para o pedal.
<b>15</b>	Imagens de Rogério e da fachada da Casa do Piano.	<b>ROGÉRIO</b> MVI_0555 MVI_0556  <b>CASA DO PIANO</b> MVI_0564 MVI_0565	Off	(10:02 - 10:11) Daí eu procurei o Rogério, que hoje ele é o dono da Casa do Piano. Ele é restaurador de pianos. De pianos antigos.

		MVI_0566 MVI_0567		
<b>16</b>	Entrevista Rogério <u>GC: Rogério Resende / Técnico-afinador e Restaurador de Pianos</u>	MVI_0551	On	(00:28 - 00:40) A Shirley nos procurou, imaginando que nós poderíamos ajudá-la no sentido da acessibilidade e, especialmente nos pedais, ao piano.
<b>17</b>	Imagens da Casa do Piano.	MVI_0551 MVI_0559 MVI_0560  <b>ENTREVISTA</b> MVI_0551	Off	(00:49 - 00:59) Nós vimos ali uma oportunidade de demonstrar o nosso trabalho, e ajudá-la. Cooperar na situação que ela precisava.
<b>18</b>	Entrevista Shirley	MVI_0663 (plano estático)	On	(11:31 - 11:39) Ele mesmo que comprou, ele mesmo que pediu e me deu, pra usar lá no Departamento de Música, que está lá.
<b>19</b>	Entrevista Renato	MVI_9779 (plano estático) MVI_0767 (cam na mão)	On	(04:29 - 04:39) O pedal, ele está a 4 dedos do chão e, aqui ficou quase um palmo e meio, né? Então diminui a distância do joelho da pessoa que está sentada, até o chão.
<b>20</b>	Imagens dos pés de Shirley na aula, no adaptador, com a música tocada por Shirley em BG.  <u>GC: ?? Descobrir nome da música.</u>	MVI_1165  <b>ENTREVISTA</b> MVI_9779 (plano estático)	Off	(05:26 - 05:37) Então esse adaptador realmente propicia a ela que ela toque. Não sendo assim, ela não poderia... não poderia, não poderia. Tocar o piano, com as possibilidades do piano.
<b>21</b>	Entrevista Shirley	MVI_0663 (plano estático)	On	(11:40 - 11:52) Aí eu comecei a usar e existiria um piano mais baixo? Assim, tipo, pra minha estatura?" e ele: "É, poder ser, por que não?", aí eu falei "mas será?". E ele: "Nada é impossível"
<b>22</b>	Entrevista Rogério  Intercala com imagens do piano de Shirley.	MVI_0551	On	(01:00 - 01:03) Portanto nós pegamos um dos nossos pianos de cauda [...] (01:07 - 1:29) e resolvemos, decidimos, retirar os pés originais, porque ela não conseguia acessar o teclado com conforto, e fabricar três pés para que o piano ficasse na altura dela, e isso foi, mais ou menos, 20cm menos, menor, né? E também fabricar uma pedaleira especial.

<b>23</b>	Entrevista Shirley	MVI_0663 (plano estático)	On	(12:12 - 12:14) Aí, tipo, ele me deu o piano.
<b>25</b>	Imagens do piano de Shirley.	MVI_0551	Off	(03:40 - 03:55) [...] Foi doado para nós, esse piano de cauda, para o Museu do Piano. E nada mais justo que uma doação que nós recebemos, que seja passada para alguém que vai fazer bom uso dele, como é o caso da Shirley,
<b>26</b>	Imagens do nome de Shirley no piano dela.	MVI_0551	Off	(01:49 - 01:58) Nós colocamos, inclusive acho que vocês perceberam, o nome no piano, que ela ficou muito feliz, e nós mais ainda.
<b>27</b>	Entrevista Shirley	MVI_0663 (plano estático)	On	(12:14 - 12:21) Tipo, foi muito... foi uma coisa muito gratificante, que eu nunca imaginei que fosse... nisso, nessa história, que eu fosse, também, ganhar um piano, sabe?
<b>28</b>	Entrevista Rogério. Ao fim da frase de Shirley, começa a Melodia Húngara - Schubert, em BG.  <u>GC: Melodia Húngara - Schubert</u>	MVI_0557  <b>MELODIA</b> MVI_9743 MVI_9744 MVI_9745 MVI_9746 MVI_9747	On	(00:07 - 00:43) Bom, vamos falar sobre... especificamente sobre a matéria que saiu no jornal sobre o nosso trabalho e a Shirley. Nós temos aqui um depoimento dela que me chamou muito a atenção nesta matéria. Eu me permito ler. "A universidade e a Sociedade deveriam ser mais preparadas para receber pessoas com Acondroplasia". É possível adaptar um instrumento. É possível adaptar qualquer instrumento. Não há dificuldade quando há boa vontade.
<b>29</b>	Entrevista Shirley.  Intercala com imagens da Shirley tocando.  As frases estão separadas por terem sido ditas em momentos diferentes da entrevista. Dessa forma, a edição fica livre para escolher os melhores	MVI_0663 (plano estático)  <b>MELODIA</b> MVI_9743 MVI_9744 MVI_9745 MVI_9746 MVI_9747	On/ Off	(14:16 - 14:20) Quando eu entrei na música, eu já sabia que não ia ser fácil.  (14:3 - 14:35) Mas sempre coloquei na minha cabeça que pra tudo tinha um jeito. (14:10 - 14:15) [...] pode ter uma barreira, sim, como tem, mas, tipo assim, o importante é não desistir disso.

	<p>momentos para se intercalar.</p> <p>A entrevista finaliza junto com o final da música.</p>			
<b>28</b>	<p>Entrevista Renato, com a música em BG.</p> <p>Intercala com imagens da Shirley tocando.</p>	<p>MVI_9779 (plano estático)</p> <p>MVI_0767 (cam na mão)</p> <p><b>MELODIA</b></p> <p>MVI_9743</p> <p>MVI_9744</p> <p>MVI_9745</p> <p>MVI_9746</p> <p>MVI_9747</p>	On/ Off	<p>(02:12 - 02:26) É uma experiência muito interessante, porque a gente vê que a limitação que as pessoas veem não são, necessariamente, por conta dessas necessidades especiais. Tem gente que tem mais limitação que a Shirley, por exemplo.</p>
<b>29</b>	<p>Entrevista Shirley.</p> <p>Intercala com imagens da Shirley tocando e sobe som delas..</p> <p>As frases estão separadas por terem sido ditas em momentos diferentes da entrevista. Dessa forma, a edição fica livre para escolher os melhores momentos para se intercalar.</p> <p>A entrevista finaliza junto com o final da música.</p>	<p>MVI_0663 (plano estático)</p> <p><b>MELODIA</b></p> <p>MVI_9743</p> <p>MVI_9744</p> <p>MVI_9745</p> <p>MVI_9746</p> <p>MVI_9747</p>	On/Off	<p>(15:54 - 15:55) Eu nasci com acondroplasia.</p> <p>(15:56 - 16:01) Eu já pesquisei, já falei até com a minha avó, com a minha tia de segundo grau.</p> <p>(16:07 - 16:12) É uma coisa que veio de mim mesmo, tipo, eu nasci com isso, porque meus irmãos não são assim.</p> <p>(16:14 - 16:16) Então só eu que vim assim.</p> <p>(16:19 - 16:20) Quando eu era criança, eu sofria muito por causa disso.</p> <p>(16:24 - 16:26) Mas hoje eu agradeço muito por isso,</p> <p>16:33 - 16:39) Se não fosse isso, eu acho que minha história em relação à música, talvez, eu acho que não existiria.</p>

				(16:42 - 16:45) E hoje eu sou muito grata a Deus por isso.
<b>31</b>	Créditos + Agradecimentos + Logo da FAC e Logo da UnB ao final			

### 10.5 Roteiro de edição - Francisco

Cena	Descrição	Arquivos	On/ Off	Fala
1	Francisco cantando.	MVI_9953	On	-
2	Francisco cantando.	ENTREVISTA MVI_9947  MÚSICA MVI_9953	On	Francisco: (01:56 - 01:59) Eu gosto muito de cantar música. Gosto.
3	Francisco cantando.	MVI_9953	On	-
4	Entrevista Boings	ENTREVISTA MVI_9947  MÚSICA MVI_9953	Off	Francisco: [...] (02:03 - 02:08) gosto de música italiana e brasileira. E em inglês também.
5	Francisco cantando.	MVI_9953	On	--
6	Francisco cantando.	ENTREVISTA MVI_9947  MÚSICA MVI_9953	Off	Francisco: (02:00 - 02:02) Gosto de tocar. Gosto.
7	Abertura	-	-	-
8	Família cantando Bella Ciao junta.  GC: ---	MÚSICA MVI_9952	On	-
9	Entrevista Boings, ainda com a família cantando Bella Ciao ao fundo.  CG: Raquel Boing / Mãe GC: Roberto Marinucci / Pai GC: Clara Boing / Irmã	ENTREVISTA MVI_9946  MÚSICA MVI_9952	Off	Raquel: (00:53 - 01:00) desde que a gente engravidou do Francisco, a música sempre fez parte do nosso universo.
10	Entrevista, família ainda cantando.	ENTREVISTA MVI_9946	On	Raquel: A gente só teve o diagnóstico de autismo quando o Francisco já tinha perto de 3 anos.



<b>11</b>	Entrevista Boings, família ainda cantando ao fundo.	<b>ENTREVISTA</b> MVI_9947	On	Roberto: (00:13 - 00:21) A gente percebeu, desde quando ele era pequenininho, ele tinha habilidades na questão musical.
<b>12</b>	Imagens apenas de Francisco. Família ainda cantando ao fundo.	<b>ENTREVISTA</b> MVI_9947  <b>FRANCISCO</b> MVI_9956 (04:53 - 5:00)	Off	Roberto: [...] (01:00 - 01:10) a música parecia, realmente, um tipo de comunicação que ele gostava muito. Nesse sentido, incentivamos muito.
<b>13</b>	Entrevista Boings, Francisco cantando Garota de Ipanema ao fundo.	<b>ENTREVISTA</b> MVI_9949	On	Raquel: (01:01 - 01:24) Às vezes ele descobre música assim... que aí, depois, entra no repertório dele, né? A Clara tem uns repertórios... que a Clara se importa mais com a letra do que com a música e às vezes a gente dá uma maneirada no carro, né, Clarinha?  Clara: O Francisco tem um playlist dele no meu celular. E tem mais músicas na playlist dele do que na minha. Oito horas!
<b>14</b>	Entrevista Boings, intercalada com imagens de Francisco cantando e sorrindo.	<b>ENTREVISTA</b> MVI_9948	On	Raquel: (02:34 - 02:37) a gente começou a fazer uma opção de investir, de fato, no que ele ficava mais feliz, né?
<b>15</b>	Entrevista Boings, com Francisco ainda cantando ao fundo.	<b>ENTREVISTA</b> MVI_9949  <b>FRANCISCO</b> MVI_9954 (a partir de 01:26)	On	Raquel: (03:08 - 03:12) E nisso, o professor dele, Geovane, tem ajudado bastante.
<b>16</b>	Entrevista Geovane, intercalando com imagens de câmera na mão.  GC: Geovane Oliveira / Professor de Canto	<b>ENTREVISTA</b> MVI_0619 (estático)	On	Geovane: (01:49 - 02:00) O que eu percebo no Francisco é que, principalmente na relação da percepção dele, ele deu uma evoluída bem grande, assim.
<b>17</b>	Francisco cantando.	MVI_9696	On	-
<b>18</b>	Entrevista Geovane, intercalando com imagens de câmera na mão.	<b>ENTREVISTA</b> MVI_0619 (estático)	On	Geovane: (02:30 - 02:37) Então, assim, toda vez que ele percebe que ele está desafinado, ele já “opa, eu desafinei!”. E aí ele tentar refazer.
<b>19</b>	Entrevista Boings, alternado com a câmera passando por Clara e Roberto na cadeira, seguida de Raquel e Francisco olhando celular.	<b>ENTREVISTA</b> MVI_9950  <b>CELULAR</b> MVI_9956 (a partir de 00:17)	On/ Off	Raquel: (00:15 - 00:22) Quando a gente grava ele, ele registra no celular e ele tem mandado para os contatos no whatsapp e as pessoas interagem com ele e falam “Nossa, você cantou lindo”.

<b>20</b>	Entrevista Boings	<b>ENTREVISTA</b> MVI_9950  <b>CELULAR</b> ???	On/ Off	Raquel: (00:23 - 00:30) E ele responde “Sim, eu canto muito lindo”. Né, mano? Os corações vermelhos batendo, tum tum tum, que são legais, né?
<b>21</b>	Entrevista Geovane, intercalando com imagens de câmera na mão.	<b>ENTREVISTA</b> MVI_0619 (estático)	On	Geovane: (05:46 - 05:52) A primeira coisa quando ele chega em sala de aula é: “tem microfone?”. Porque ele gosta muito de microfone.
<b>22</b>	Francisco na aula de canto com microfone na mão.	...	Off	Geovane: [...] (05:53 - 05:57) eu procuro sempre trazer microfone para a sala porque ele se sente confortável cantando com o microfone.
<b>23</b>	Francisco e Geovane conversando sobre o microfone.	MVI_9692	On	[...]
<b>24</b>	Entrevista Geovane, intercalando com imagens de câmera na mão.	<b>ENTREVISTA</b> MVI_0619 (estático)	On	Geovane: (03:40 - 03:46) Ele tem uma ligação muito grande com o palco. Eu vejo que ele gosta muito de cantar e gosta de mostrar que ele sabe cantar.
<b>25</b>	Entrevista Boings.  Se o take tremer demais e for necessária uma intervenção, podemos colocar a Raquel começando a mostrar o vídeo do São Francisco, intercalando com a entrevista ou colocando algumas das falas em off.	<b>ENTREVISTA</b> MVI_9949  <b>VÍDEO</b> MVI_9956	On/ Off	Roberto: [...] (03:09 - 03:28) é assustador como ele se sente à vontade no palco. Teve algumas situações. Teve quando ele tinha... quando você tocou São Francisco, quantos anos ele tinha?  Raquel: Quando foi que você tocou com o tio Maga?  Francisco: Foi em 2013.  Raquel: Então tinha 10 anos. Ainda tinha a voz bem agudinha, né?
<b>26</b>	Francisco cantando São Francisco, a partir de 01:36: “Lá vai São Francisco pelo caminho...”	<b>VÍDEO</b> MVI_9956	On	-
<b>27</b>	Final do vídeo de apresentação do Francisco cantando São Francisco (00:00 - 02:19). Após 02:19, a tela escurece em fade. O “Viva!” de Raquel sai em off.	<b>MÚSICA</b> MVI_9956	Off	-

<b>28</b>	Se inicia Francisco cantando a música inicial em off. Créditos + Agradecimentos + Logo da FAC e Logo da UnB ao final	-	Off	-
-----------	--	---	-----	---

## 10.6 Exemplo de relação de arquivos

PROTAGONISTA	PASTA	ARQUIVO	DESCRIÇÃO	OBSERVAÇÕES
SHIRLEY	04.05 - ENTREVISTA ROGÉRIO	MVI_0551	Entrevista - Take 01 - Entrada da Casa do Piano	-
		MVI_0552	Entrevista - Take 2 (Morto) - Oficina	Take refeito.
		MVI_0553	Takes Matéria de Jornal	Áudio inutilizado.
		MVI_0554		
		MVI_0555	Entrevista - Take 02 - Oficina	-
		MVI_0556	Entrevista - Take 03 - Marcenaria	-
		MVI_0557	Entrevista - Take 04 - Matéria de Jornal	Equipe aparece no reflexo.
		MVI_0558	Detalhes da banqueta feita por Rogério na matéria.	Áudio inutilizado.
		MVI_0559	Imagens de exemplo da Banqueta	-
		MVI_0560		-
		MVI_0563	Rogério interagindo com pessoas fora da Casa.	-
		MVI_0564	Fachada da Casa do Piano	-
		MVI_0565		-
		MVI_0566		-
		MVI_0567		-
	17.04 - AULA DE PIANO	MVI_1159	Renato e Shirley enquadrados juntos.	Plano fechado.
		MVI_1160		
		MVI_1161		
		MVI_1162	Mãos da Shirley tocando.	-
		MVI_1165	Pés de Shirley e adaptador.	-
MVI_1166		Mãos da Shirley tocando.	-	

		MVI_1167	Rosto de Shirley olhando para a partitura	-
		MVI_1168	Shirley olhando para a partitura	-
		MVI_1169	Mãos da Shirley tocando.	Lateral
		MVI_1170		-
		MVI_1171	Shirley mexendo na partitura	-
		MVI_1172	Partitura	-
		MVI_1173		-
		MVI_9766	Mãos de Shirley e Renato	-
		MVI_9767	Renato colocando o adaptador no piano.	-
		MVI_9768	Renato e Shirley enquadrados juntos.	Plano janela.
		MVI_9769		
		MVI_9770	Renato e Shirley enquadrados juntos.	Plano janela fechado.
		MVI_9771		
		MVI_9772	Renato e Shirley enquadrados juntos.	Plano janela
		MVI_9773	Renato e Shirley enquadrados juntos.	Plano janela fechado.
		MVI_9774	Renato e Shirley enquadrados juntos.	Plano janela
		MVI_9775		
		MVI_9776		
		MVI_9777		
		MVI_9778	Renato e Shirley enquadrados juntos	Plano janela fechado
17.04 - ENTREVISTA PROFESSOR RENATO	MVI_9779	Estreita - Take Único	Plano Estático	
	MVI_0767		Câmera na Mão	
13.04 - ENTREVISTA SHIRLEY	MVI_0663	Entrevista - Take 1	Plano Estático	
	MVI_0664	Entrevista - Take 2	Plano Estático	

		MVI_9675	Detalhes Shirley	Câmera na Mão
		MVI_9699		
		MVI_9700		
		MVI_9701		
		MVI_9702		
		MVI_9703		
		MVI_9704		
		MVI_9705		
		MVI_9706		
		MVI_9707		
		MVI_9708		
		MVI_9709		
		MVI_9710		
		MVI_9711		
		MVI_9712		
		MVI_9713		
		MVI_9714		
		MVI_9715		
		MVI_9725		
		MVI_9726		
13.04 - SHIRLEY TOCANDO	MVI_0667	Gnosienne - Erik Satie	Plano Estático	
	MVI_0668	Gnosienne - Erik Satie	Câmera na mão	
	MVI_9733			
	MVI_9734			
	MVI_9735			
	MVI_9736			
	MVI_9737			

		MVI_9739		
		MVI_9740		
		MVI_9741		
		MVI_9742		
		MVI_9743	Melodia Húngara - Schubert	Câmera na mão
		MVI_9744		
		MVI_9745		
		MVI_9746		
		MVI_9747		
		MVI_9748	Sonata ao Luar - Beethoven	Câmera na mão